

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

**PREPARAÇÃO**  
**AO**  
**NACIONALISMO**

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S.A. RIO - 1934



*É favor não dobrar  
páginas.*

## Preparação ao Nacionalismo

(Carta aos que têm vinte annos)

## OBRAS DO MESMO AUTOR

*Responsabilidade Criminal das Pessoas Jurídicas.*  
Ed. Graphica Ypiranga — Rio, 1930.

*Introdução à Realidade Brasileira.*  
Civilização Brasileira S. A. — Rio, 1933.

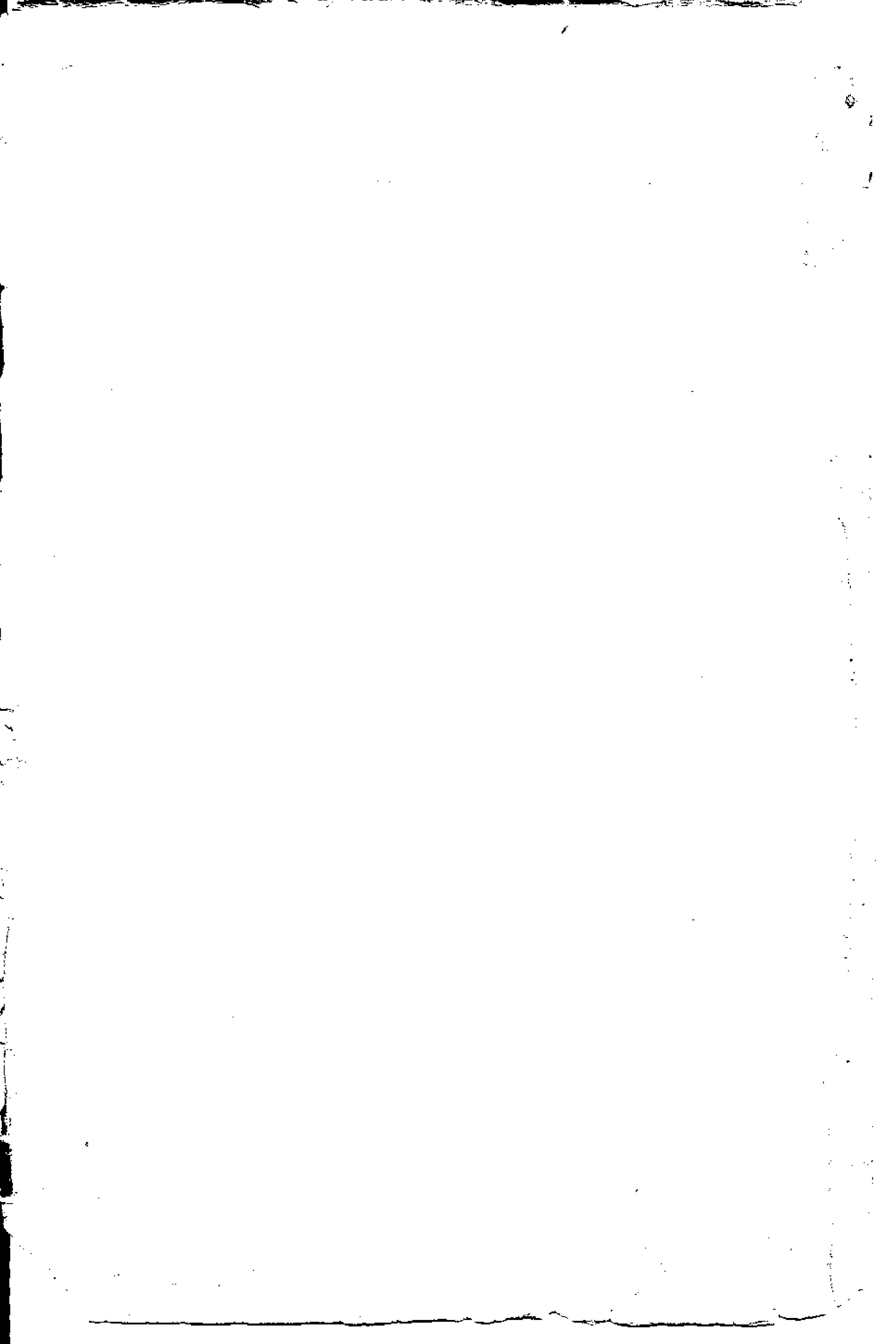
*Preparação ao Nacionalismo.*  
Civilização Brasileira S. A. — Rio, 1934.

## A SAHIR

*Altitude* — (poemas).  
Ed. "Os Amigos do Livro". Bello-Horizonte.

## EM PREPARO

*Jean-Jacques Rousseau e o Índio Brasileiro.*  
Ensaio sobre as origens brasileiras da theoria  
da bondade natural.





200  
me 25-4-34.

*Affonso Arinos de Mello Franco*  
8-6-934-

Affonso Arinos de Mello Franco

*Affonso*

# Preparação ao Nacionalismo

(Carta aos que têm vinte annos)

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.  
Rua Sete de Setembro, 168  
Rio de Janeiro  
1934







# INTRODUÇÃO







Ao dirigir-me a vocês, — rapazes —, estou perfeitamente seguro de que nada me autorisa a assumir o papel ingrato de evangelizador. E', mesmo, assaltado por um quasi constrangimento que me resolvo a discutir, com vocês, alguns desses enervantes e incendiados problemas, que tanto preocupam hoje aos moços do Brasil, entre os quaes me encontro.

Porque, com effeito, rapazes, o lugar entre os moços ainda é o meu lugar. Si vocês pouco passam dos vinte, a mim pouco me falta para chegar aos trinta. Cinco a seis annos de differença, um nada:—um mundo.

Vocês verão, como eu vejo, rapazes, que a primeira sensação de velhice nos assalta antes dos trinta annos. E nos apanha



com a instantaneidade das catastrophes. O homem se sente, pela primeira vez, velho, quando percebe que não é mais *o mais moço*. Isto é grave, mas vocês não o compreenderão por enquanto, porque nunca compreendemos as coisas que não sentimos. Ou, dizendo melhor, a compreensão das coisas evolúe, á proporção que o sentimento dellas se transforma. Vocês lêem poesia, rapazes. Leram La Fontaine no collegio. Compreenderam. Mas que coisa páo! Hoje vocês não o lêem mais. Hão de lê-lo, quando chegarem á minha idade. Como hão de reler os classicos, esquecidos e abandonados; os Bossuet, os Pascal, os Camões, os Montaigne. E então, apesar do Proust que vocês devoraram, (vocês ainda lêem Proust?), do Gide que vocês veneram, e dos novos juristas sovieticos, vocês verão que nem La Fontaine, nem Bossuet, nem os outros, são tão páos assim. Emfim, rapazes, essas coisas da vida...

Portanto, continuando o que lhes dizia ha pouco, o homem se sente velho quando não é mais *o mais moço*. E' a mesma indefinível sensação de desgosto que faz com que

a gente recuse comprar, na segunda-feira de manhã, dia em que não sae jornal, o matutino de domingo, com suplemento e tudo, que ainda não se leu. Novidade, rapazes, vicio de novidade.

Eu já fui, como vocês, o mais moço. E o fui por muito tempo, porque comecei sendo aquillo que as comadres copiosas de carnes, e os velhos tios tolerantes, costumam chamar “um menino precoce”.

Aos nove annos discutia geographia com um velho, — o Barão Homem de Mello — na casa do meu avô, encantado com esta inenarravel estupidez. Fui o alumno mais moço da minha turma gymnasial, e, si não me engano, o mais moço da minha turma na Faculdade. Desde cedo inquiri, fiz noitadas intellectuaes, discordei, escrevi poemas, pamphletos. Depois chegou Graça Aranha e eu fui o mais moço dos que se reuniram ao seu sequito de iconoclastas. Começou-se então a falar de Freud, de Stravinsky, de verso livre. Alguns já liam, já discutiam Hegel e Marx.

Como vêem, rapazes, já estive entre os



mais moços. Um dia, porém, cuspi sangue, caí para traz, embarquei, levei dois annos deitado numa varanda, olhando o céu, olhando os picos nevados.

Foi então que, voltando dessa viagem pulmonar, travei conhecimento com vocês, *os mais moços*. Publiquei um livro e alguns de vocês começaram a me tirar o chapéo, a me chamar de senhor. Que tristeza, rapazes! Um dia mesmo, — contemos tudo, — dentro de uma livraria, um de vocês me chamou de “mestre”, ou de “chefe”, não sei bem. Senti o coração varrido por um vento de horror. Me lembrei dos tempos em que nós nos dirigiamos assim ao Graça, ao Ronald, aos outros. Então foi que fiquei velho de repente.

Não é, portanto, a nossa propria idade que nos envelhece a principio, mas sim a mais fresca juventude dos que vêm atraz de nós.

Havia um cavalheiro em S. Paulo que ficou louco. Facto banal, sem duvida. Mas a loucura deste se iniciou por uma forma extremamente original. Elle era monarchis-

ta impenitente, e tão inconversível quanto a actual moeda brasileira em qualquer praça extranha. Certa vez, apresentaram-lhe um individuo barbeado, escanhado, brilhantina, monoculo. Nem uma ruga na cara, nas roupas. Sportivo e jovial. Como este individuo lhe falasse de coisas remotas, de Prudente, de Floriano, o nosso heroe perguntou-lhe que idade tinha. Ao que o outro respondeu que tinha quarenta annos. Então destempe-rou-se a loucura do cavalheiro que já andava sobre ella.

Metteu a mão na cara do seu interlocutor, accusando-o vigorosamente de impostura e falsidade. Como interviessem pessoas amenas e pacificadoras, que apresentaram provas da asserção que elle refutava com tão despejado furor, volveu-se o louco a invectivar a Republica. E disse esta coisa profunda e impressionante: "No Imperio, seus cana-lhas, só um homem de bem, condecorado, ministro, barbudo e fazendeiro de café ousava ter quarenta annos. Na bacchanal de hoje qualquer valdevinos, qualquer troca-tintas se acha no direito de ostentar esta, ou outras



idades ainda mais dignas, ainda mais conspicuas." E foi para o hospicio, depois deste discurso admiravel de sensatez.

A vida, rapazes, forçou a nossa geração a ter quarenta annos antes do tempo. A vida ou a insania dos homens que guiaram o mundo, e o Brasil, antes de nós. Hoje todos nós temos quarenta annos, no minimo. Todos nós, nesta idade em que os heroes de Alencar e de Machado tomavam chá com torradas ás nove e meia, antes de ir para a cama, fumavam escondido e pediam licença ao pae para a primeira barba, ou para casar, nesta mesma idade nós não temos mais lazeres para os encantos, para as doçuras das serenatas e dos namoros com os vestidinhos de chita. Não somos bohemios, não nos embriagamos, desconhecemos a noite na taverna e a lyra dos vinte annos.

Exactos, desapaixonados, minuciosos, methodicos, não descobrimos mais "genios", e estamos, apenas, empenhados em reconstruir o mundo, em orientar a vida. Um e outra já foram sufficientemente interpreta-

dos, disse o mais terrível dos mestres que temos lido, agora é mister transformal-os.

Fomos forçados a vestir a nossa alma de fraque, a tomar a vida a sério. Uma tolice, rapazes, da chamada idade da razão. Que fazer, porém? Este foi o traço distintivo com que entramos na luta, e este será o nosso destino até o fim. Não tenho duvidas, que os que vierem depois de mim e de vocês, os moços da nossa velhice, assumirão atitudes diferentes. Um dos chefes da mocidade, agora mesmo, Benito Mussolini, acaba de aconselhar os moços a largarem a politica e a se dedicarem ao amôr. Ao amôr ou a outros jogos igualmente sportivos e menos arriscados que o cuidado dos homens. Os nossos posteros hão de achar-nos idiotas, hypocritas, tediosos como o Homais de Flaubert. Vocês leram Flaubert, rapazes? Em todo caso traduzamos a citação para o vernaculo, como diria o fallecido Candido de Figueiredo. Idiotas, hypocritas, tediosos como o Accacio do Eça. E' verdade, rapazes, vocês ainda lêem o Eça? Porque emfim, sete annos, um nada: — um mundo.



A verdade final, porém, é que perdemos a nossa mocidade. Quarenta annos, no minimo. Outros mais, muito mais. Alguns de vocês eu conheço, que têm sessenta, oitenta e cinco, cento e quinze annos. Alguns de vocês estão tão curvados ao peso da idade que não podem mais olhar para cima, para a frente. Olham para baixo, para a terra, para traz, e procuram nos desvãos das theorias desmentidas, a explicação do inexplicado, e a solução dos inuteis sacrificios.

A estes falarei especialmente daqui a pouco.

Vamos, portanto, conversar como homens maduros que somos, plenamente conscientes do papel terrivel que o destino poz entre as mãos da nossa geração.

Não se riam, rapazes, conservem-se serios como os moços de antigamente, quando faziam qualquer coisa de definitivo, quando liam um poema, quando pegavam, ás escondidas, a mão gelada da menina de vestido de cassa.

Depois, que me importa que vocês riam! O riso de vocês é triste, rapazes, não tem

maldade, é quasi alvar. Vocês não conheceram mais aquella deusa cujos ultimos passos entrevi, ao seu andar alado. Cujá fimbria brilhante e venenosa ainda rocei nos meus labios. Vocês não chegaram a conhecer a Ironia, esta fada dos tempos felizes, que já morreu. Vocês já leram Voltaire, rapazes, já leram papai Anatole? (O dr. Afranio Peixoto gosta que se lhe dê o sobrenome, como em francez.) Vocês não foram mais do tempo da Ironia, rapazes, e por isso podem rir, porque eu sorrirei, o que é peor. Eu conheci ainda a Ironia, que morreu. E ella me ensinou a sorrir, coisa que vocês não sabem. O riso a gente o aprende nos campos de futebol. Podem rir, os que quizerem. Haverá alguns que ficarão serios. A estes falarei, então, de preferencia.

\* \* \*

Começarei por dizer-lhes esta coisa quasi banal, quasi desencantadora, para os se-

quiosos de raridades metaphysicas, por causa da sua simplissima evidencia: não acreditem nas idéas que não tenham fundamento ou expressão natural. Isto é, desconfiem das idéas que se apoiam em outras idéas, e que procurem encerrar dentro de si um elemento transformador daquillo que está fóra da primeira ou da segunda idéa, daquillo que existiu, existe e existirá sempre, independente dos systemas ideologicos. Desconfiem das construcções que prescindem do realismo da natureza.

Já se percebe claramente onde quero chegar. E' isto mesmo. Neste momento em que os azares das perturbações mundiaes, aliados aos accasos da situação interna do Brasil, entregaram a substancia nacional, como massa plastica, nas mãos da nossa geração, devemos afastar predeterminadamente, com a maior violencia, aquelles que quizerem resolver o nosso caso com a simples applicação de doutrinas que prescindem da cooperação primordial do elemento brasileiro, do facto brasileiro, da verdade brasileira.

Porque, na verdade, si o Brasil não



existe, propriamente, como Estado, tomada esta idéa no seu sentido rigoroso, não se pode negar que elle exista como Nação. O Estado brasileiro ainda não encontrou a sua forma definitiva, peculiar, crystallizada. Varias vezes tem elle procurado emergir do chãos em que nos debatemos, num esforço de rhetorica, de luta e de sangue.

E os desmoronamentos successivos dessas tentativas provêm exactamente do facto que, até hoje, o nosso Estado não conseguiu ainda ser uma expressão effectiva da nossa Nação.

Os imperativos da nossa geographia physica e economica, os elementos insubstituiveis e necessarios representados pelos nossos caracteristicos ethnicos, culturaes, religiosos, as qualidades dos nossos sólos, as differenças dos nossos climas, os movimentos dos nossos sangues, os impulsos varios da nossa alma, são todos factores nitidamente brasileiros, e não podem ser encontrados, nem previstos, nem solucionados, nos livros creados pela sciencia germanica, saxonica,

gauleza e italiana, com que vocês, rapazes, se deslumbram.

Os factos da nossa formação são as pedras com que deverá ser construído o edificio do nosso Estado. Não queiram adaptar nossa casa ao estylo do arranha-céo americano, expressão cubista da technica sem alma. Nem á florida construcção italiana, torrente de colunatas espiraladas, florões, pergolas e perystilos marmoreos, (discursos, saudações, phrases, entrevistas, photographias, theatralidades retumbantes). Nem á rispida casa moderna germanica, mixto de igreja protestante, de estação emissora de radio e de quartel dissimulado, onde brilham dentes, olhos e laminas ameaçadoras. Nem á mysteriosa construcção sovietica, laboratorio creador de duvidas, de revelações e de terrores, onde o presente e o futuro, illuminados, se unem ao mais remoto passado obscurantista; onde a sciencia da politica positiva se apoia num confuso mysticismo religioso; onde o sentimento da fraternidade humana se externa atravez da violencia e da barbarie; onde fluctua e domina a contradicção psy-

chologica essencial daquelle povo, que tem o cerebro na Europa e o coração na Asia.

De todos esses “regimens scientificos”, de todas essas formas totalisadoras de governo, a que interessa, neste momento, mais de perto a vocês, rapazes, é, incontestavelmente, a ultima das acima indicadas. E as razões dessa preferencia são facilmente accessiveis.

Nesta época dolorosa de crise, de miseria, de desemprego, de ameaças cynicas de guerra, nesta época de desabamento de todos os valores moraes e de todas as seguranças materiaes, é indiscutivel que a mccidade deve pender, necessariamente, para as soluções de mais amplo radicalismo. O impulso virgem da sua confiança não se demora, geralmente, nas combinações intermedias, nas revoluções de superficie, que não alteram fundamentalmente os valores substanciaes, taes como a italiana ou a allemã. A curiosidade ardente da juventude, e a sua sêde de experiencias realmente iniciadoras, hão de impellil-a, forçadamente, para o terreno marxista, cuja pura doutrina corta as amarras

com tudo o que até hoje tem sido observado, obedecido, e tido como immutavel, atravez da historia occidental.

Si tudo está errado, tudo deve ser substituido, eis um raciocinio fascinante, na sua trivialidade primaria.

Além desta razão psychologica, que actua internamente nas almas dos nossos moços, existe uma outra, de natureza objectiva, porque decorre, directamente, dos tecidos doutrinaarios das proprias ideologias que a velha Europa offerece á livre escolha do Novo Mundo. A revolução italiana, tanto quanto a revolução allemã, são demasiadamente nacionaes, demasiadamente feitas sob medida, para os povos que as praticaram, e, por esta razão, salta immediatamente aos olhos de todo o mundo, mesmo aos olhos dos moços, deslumbrados pela descoberta da vida, que a adaptação dellas ao nosso caso brasileiro exigiria alterações tão grandes, que implicariam, talvez, numa especie de modificação da sua propria estrutura.

Haveria, no transplante das mesmas para o Brasil, necessidade de um esforço de



collaboração, por parte dos nossos moços, que assumiria, afinal, o aspecto de uma verdadeira criação de motivos novos. São revoluções de escassa doutrina, profundamente ligadas ás peculiaridades nacionaes. Não possuem resoluções scientificas antecipadas para os problemas, porque não acreditam que os problemas economico-sociaes sejam sempre os mesmos, sob todos os céos, como pretende o schema generalizador do marxismo. E, em virtude das differenças innegaveis que offerecem os problemas segundo as nações, cream *theoricamente*, (e não só praticamente), soluções nacionaes para ellas. Veja-se, por exemplo, as formulas inteiramente diversas com que são encaradas por Hitler ou por Mussolini as questões da propriedade da terra, da natalidade, etc.... E imagine-mos, em continuação do exemplo, uma revolução nacional-socialista no Brasil, que, seguindo as leis hitlerianas, creasse o direito de primogenitura para a herança das terras, (extingam-se os latifundios, clamam os moços), e a exigencia do puro-sangue brasileiro (?), para o proprietario dellas, (precisa-

mos do caldeamento dos sangues europeus, gritam os que têm 20 annos...)

Por consequencia a adaptação de uma revolução fascista ou nacional-socialista, seria, no fundo, a construcção de uma revolução brasileira.

Mas de uma verdadeira revolução brasileira, e não desta simples agitação brasileira, a que estamos assistindo nos ultimos annos, e que representa mais um fim do que um inicio, mais a conclusão do desmoronamento de um velho edificio falsificado, imprestavel para o nosso uso, do que o reerguimento de um novo, sob o qual nos possamos abrigar.

Os moços de 1930 não puderam fazer a revolução brasileira, porque estavam soldados aos velhos politicos timidos.

E vocês, rapazes, os moços de amanhã, ou de depois, tambem não se mostram dispostos a encontrar, a crear a solução brasileira para o caso brasileiro. Então, por causa disso, para escapar a esta necessidade ardua da criação, que representaria uma revolução nacionalista no Brasil, a exemplo da allemã ou da italiana, vocês procuram abrigo nas so-

luções antecipadas, nas receitas infallíveis e já promptas, da revolução internacionalista, cujo desenvolvimento theorico e tactico vem todo escriptinho, com estatisticas e graphicos, nas traducções baratas que vocês compram, e lêem, para salvarem o mundo da injustiça e do cháos.

O internacionalismo marxista é apparentemente o caminho da facilidade. As suas formulas admiraveis, de uma logica esmagadora, de uma clareza luminosa, são como a pedra philosophal. Transformam as situações mais differentes, com a força do seu contacto magico, no ouro puro e synthetico do Estado communista, que é a verdade final.

O trabalho é pequeno, rapazes, e a luta é menor. Até a technica do golpe de força, vocês já a possuem, com indicações precisas e conselhos preciosos, nos livrinhos salvadores.

Entretanto, si estas são as promessas enganadoras dos sociologos sedentarios, muito diversa é a paisagem que nos offerece a realidade da revolução russa. Permittam, ra-

pazes, que eu chame a atenção de vocês para este facto. A revolução russa, feita sob a bandeira do internacionalismo, resolveu-se, afinal, tangida pela pressão irremovível dos phenomenos nacionaes, num movimento absolutamente nacionalista, tão especificamente moscovita, quanto o hitlerismo é especificamente allemão, ou o fascismo é especificamente italiano.

Lenine rompeu com o marxismo orthodoxo, (adaptou-o transitoriamente, dizem os seus discipulos), e o Estado sovietico, simples forma intermediaria de governo, “apparelho” russo de esmagamento da classe burguezia, só será substituido, si o fôr, por outra revolução, sahida igualmente da realidade russa. Isto tudo, sobre o que voltarei ainda no decurso desta carta, é mais que evidente, rapazes. Mas vocês ainda não prestam atenção ás evidencias. Eu, porém, já estou naquella idade em que se começa a levantar os olhos dos livros, e a pousal-os, sem paixões, sobre o mundo, sobre a vida.

Chegámos, pois, á verdade que eu queria accentuar. Não se illudam, rapazes, (só



um imbecil se poderia iludir, neste ponto), a revolução da esquerda teria que ser, no Brasil, tanto quanto a revolução da direita, uma revolução brasileira. Si as bases do materialismo historico são mais que discutiveis, a unidade internacionalista do seu desenvolvimento dialectico é uma pura ficção. As revoluções communistas são distinctas entre si, e *conduzirão, com o tempo, á formação de Estados Communistas tão differentes, quanto são differentes os actuaes Estados Democraticos burguezes*. Porque não sei si vocês sabem que a theoria democratica foi, no seu inicio, nitidamente internacionalista.

Aliás, esta tendencia para a unidade e a generalisação, existente no marxismo, parece prender-se, segundo já tem sido observado, a uma característica especial da raça hebraica.

\* \* \*

Este é um ponto curioso, e que merece explanação mais detida. Mesmo porque, no

Brasil, o phenomeno judeu é pouco observado, ou antes, é observado sob um ponto de vista puramente literario e separado do campo scientifico da investigação sociologica. As nossas massas ignoram totalmente a questão semita, familiar e corrente entre as populações europeas, inclusive a portugueza.

Não se transplantou para esta "terra livre da America" o odio do homem de "sangue limpo" contra o "christão novo", ou o representante de "qualquer outra infecta nação", para usar das expressões gostosas da linguagem penal da época. A terrivel repressão anti-semita da legislação colonial (Ord. liv. 5) não encontrou eco sob o nosso céu americano, sobre o nosso sólo acolhedor e vasto, no meio da desordem tolerante da nossa sub-raça em formação, gente mesclada de todos os sangues, tingida de todas as cores, amollentada pelo tropico, pela sexualidade das senzalas, pelo fatalismo commodista das terras de vida facil.

Até o judeu perdeu, de certo modo, entre nós, o seu character, a sua linha nitida de divisão ethnica, dissolvido no sorvedouro

traíçoeiro da nossa acceitação sem resistencia. Entretanto, si nós não possuimos, ainda, a “questão judia” como questão ethnica ou religiosa, é facil reconhecer, localisar e isolar os traços da sua influencia na formação brasileira. Perdido, dissimulado no formigueiro do nosso desenvolvimento vegetativo, preguiçoso e sem orientação, o judeu actúa, necessariamente, segundo a directriz ancestral da sua raça, segundo os fortes elementos psychologicos de que ella se compõe. E a razão de não possuirmos questão judia, é, provavelmente, o facto da nossa historia, desattenta e tolerante, não ter nunca estudado seriamente a influencia do judeu na nossa formação.

Capistrano de Abreu disse que a verdadeira Historia do Brasil não pode ser escripta, antes que seja bem conhecida, e bem interpretada, a acção luminosa que a Companhia de Jesus desenvolveu no meio das nossas selvas. Eu accrescentaria que, si bem que como elemento de segundo plano, seria profundamente desejavel que algum pesquisador consciencioso e paciente, fixasse com clareza

e honestidade a participação e a influencia dos judeus na evolução historica da nossa nacionalidade. (V. nota 1).

Estou seguro de que se esclareceriam, assim, varios impulsos obscuros da nossa alma, e poderiam ser explicadas as razões, ainda indistinctas, de varias influencias intellectuaes que soffrem as nossas élites de pensamento. Não é este, porém, o meu objectivo immediato, nem para elle, por isto mesmo, estou apparelhado convenientemente. Desejo, apenas, lembrar a vocês, rapazes, que existe no mundo um phenomeno psychologico, da maior importancia, no apparecimento e formação de certas ideologias e de certas doutrinas. Este phenomeno é a actividade do genio hebraico, é o semitismo, como o chamam impropriamente, pois ha semitas não hebreus, no seguimento do seu determinismo messianico, e na realisação do seu destino admiravel e mysterioso, de servir uma raça a um tempo infernal e divina, creadora e assassina de idéas e de religiões, raça dos annunciadores de Deus e dos deicidas.

Desejo que fique bem claro, tambem,



que encaro o problema judeu como um facto, isto é, por uma forma puramente objectiva. Sendo esta carta uma simples tentativa de esclarecimento, uma contribuição minha para facilitar o trabalho dos moços, o arduo trabalho no sentido da compreensão do verdadeiro Brasil, e da percepção exacta das razões das crises do nosso passado, e dos tumultos que se desenham no nosso futuro; é evidente que não posso me collocar numa posição politica, no sentido activo e dialectico. Não suggiro caminhos. Indico as causas que podem determinar a escolha delles. Ponho em evidencia a constituição intima de certos dados, dissimulados na massa confusa da nossa historia, que vem sendo estudada, apenas, num ponto de vista descriptivo, e que nunca soffreu, (mas literalmente *nunca*) um verdadeiro e profundo exame de conjuncto, feito sob o angulo da preocupação politico-sociologica desinteressada.

Não procurem, pois, aqui, o furor obscurantista que se pode esconder no fundo da vaga anti-semita da moderna Allemanha. Não sou contra os judeus. Sou a favor das

idéas. O phenomeno judeu entra aqui como uma pura base de raciocinio, um elemento collaborador na explicação racional de certas doutrinas, e na comprehensão das razões pelas quaes essas doutrinas parecem inapplicaveis.

Está claro que nem mesmo a iniciativa desta exposição e desta comprehensão me pertencem. Têm ellas apparecido, isoladas e esparsas, em trabalhos differentes de objectivos diversos, pois se fundam ambas, afinal, no simples reconhecimento das caracteristicas essenciaes do estudadissimo e discutidissimo povo de Israel. Apenas repito, para vós, rapazes, o que se tem já observado sobre as tendencias intellectuaes dos judeus e as suas repercussões no tecido de uma ideologia avassaladora. Nada de novo. Mas haverá alguma coisa de novo? Lembremo-nos, sempre, do que affirmou aquelle velho rei melancolico que, num occaso saturado de satisfação... (A proposito, rapazes, vós já leram o "Ecclesiastes"?)

## **CAPITULO PRIMEIRO**



# O JUDEU E O INTERNACIONALISMO

## 1 — *Considerações Geraes*

Consideremos portanto o judeu em face do internacionalismo, esta pedra de toque do marxismo orthodoxo, e um dos grandes perigos com que vocês, rapazes, ameaçam a nossa geração.

Serenamente, honestamente, intellectualmente, sem nenhum objectivo politico preconcebido, eu me filio aos que consideram o movimento das doutrinas internacionalistas como uma consequencia natural da actividade hebraica no campo das idéas politicas.

Esta conclusão, a que cheguei, não é fructo improvisado da leitura apressada de meia duzia de livros tendenciosos. Posso, mesmo, affirmar que, para a sua implantação no meu espirito, concorreu muito mais a influencia da literatura apolitica, isto é, da



literatura puramente historica e philosophica. Foi examinando a historia do povo de Israel, ao mesmo tempo que reflectindo sobre a obra espiritual de alguns grandes judeus, que se situam entre os maiores valores humanos, que, articulando um elemento ao outro, consegui formar, para mim, a certeza dentro da qual me encontro.

Aliás, nunca é demais repetir, não sou anti-judeu, como não sou anti-internacionalista, como não sou fascista, no sentido violento da expressão. Sou um homem que, por destino, por atavismo, por necessidade psychologica (quasi que poderia dizer physiologica), se occupa com as idéas. E dentro das idéas não tenho senão as limitações inconscientes e irremoviveis da minha propria formação, intellectual e brasileira. Por consequencia não me queiram ver aqui ao serviço de outra causa, que não seja a das idéas e do Brasil, ou por outra, que não seja a causa da cultura politica brasileira.

Assim, voltando ao raciocinio interrompido por esta digressão de character pessoal, tenho para mim que o internacionalismo mar-

xista, como qualquer outra manifestação do internacionalismo doutrinario politico, inclusive o democratico, é um traço psychologico judeu, applicado, como elemento energetico, no desenvolvimento de uma doutrina, de uma ideologia ou de uma utopia.

Os judeus formam o caso, unico da Historia Universal, da permanencia integral de uma nação sem Estado e sem territorio, atravez dos seculos. Este facto, constantemente referido, mas pouco observado a sério, entre nós, constitue a base da comprehensão do papel judaico no mundo, e dos seus resultados nos diversos campos da actividade humana. Spengler, na sua magestosa obra sobre a decadencia do Occidente, (*Der Untergang des Abendlandes*, vol. III), estuda com limpida claridade e synthetica penetração as bases historicas e as consequencias philosophicas deste aspecto fundamental da evolução israelita. As suas conclusões, puramente culturais, e applicaveis, portanto, ao fim que tinha em vista, no seu gigantesco trabalho de philosophia historica, podem, no emtanto, elucidar e consolidar grandemente o raciocí-

nio politico que aqui venho tentando desenvolver.

E', pois, de importancia fundamental, para comprehender a influencia da psychologia hebraica na formação do marxismo, a fixação do facto de que os judeus constituem uma nação sem territorio, formam, no dizer do mestre germanico, um "consensus", que paira sobre os edificios nacionaes dos diferentes Estados.

A consequencia natural deste estado de coisas é que esta raça perdeu a communicação com o sólo, a ligação obscura e profunda que solda o homem á terra, e que tem, na sua formação psychologica, uma influencia immediata e decisiva. Nos proprios Estados em que se acclimata, onde se acolhe, o judeu é um animal urbano. Repugnam-lhe, invencivelmente, as actividades iniciaes, basicas, como a agricultura e, mesmo, a industria creadora. Vive da vida de relação economica, da troca dos productos de cuja criação não participou, do commercio, emfim. Neste campo se desenvolve o seu genio surprehendente, e

se estabelece o seu plastico e maravilhoso aparelhamento de defesa.

O capital commercial é, por sua propria natureza giratoria, essencialmente movel, sobretudo o commercio de dinheiro, que é o que pratica de preferencia o judeu. Não fica preso á propria base, como a agricultura ao valor da terra, ou a industria ao valor immobilizado das usinas e machinarias. Estes tardos Prometheus, acorrentados ao rochedo, não inspiram confiança ao judeu, por estarem ligados á sorte dos paizes em que se encontram. O dinheiro não. Foge, nas suas azas de ouro, atravessa as fronteiras, esvoaça sobre as guerras, e se esgueira entre as catastrophes, as derrocadas e as convulsões. O judeu é assim levado ao internacionalismo pela propria protecção ao seu haver, constantemente ameaçado.

Esta situação, dependente da propria formação de Israel, e das condições especiaes do seu destino atormentado no mundo, sempre na vespera da fuga, e debaixo das perseguições, é por demais sabida e não merece estudo aprofundado. Nem mesmo interessa

investigar aqui, si a formação hebraica pendia inicialmente para o internacionalismo, ou si foram esses três mil annos de historia infeliz que modelaram a alma judia para este pendor, que é um destino. O que nos convem é, apenas, salientar, dentre as consequencias positivas dessa formação, aquella que mais de perto se communica com a nossa these, isto é, a falta de apego do judeu pela terra.

E a terra, esta mãe commum, de entranhas fecundas e poderosas, marca com seu sello indelevel a alma do individuo e a alma de todo um povo. Tanto um homem isolado, quanto toda uma raça, reflectem no seu complexo psychologico e intellectual, a impressão da terra á qual estão ligados.

Alain, o arguto collaborador da "Nouvelle Revue Française", tem, sobre a influencia da terra no espirito do homem, uma curiosa e exacta observação.

Com effeito, elle filia a differença psychologica, existente entre o operario e o camponez, á actuação dos dois factores sobre os quaes se desenvolvem os trabalhos respectivos: a machina e a terra. A machina não tem

mysterios para o technico que com ella maneja. E' um producto do seu engenho, e elle conhece-lhe a constituição intima, as causas dos seus defeitos, os processos de augmentar ou diminuir o rendimento da sua producção. Por isto o operario é confiante, sceptico, ousado. Considera-se independente e crê poder conduzir o proprio destino, porque não vê nelle senão um resultado do trabalho que conhece por fóra e por dentro. O camponez, ao contrario, não assiste á elaboração do proprio trabalho, desenvolvido no seio mysterioso da terra. A germinação é um phenomeno magico e tão mysterioso quanto qualquer outro phenomeno natural. Está sujeita a uma serie de influencias incontrolaveis e alheias á vontade do homem, como as aguas do céu, os ventos do espaço, as luzes do sol. Dahi a reserva do camponez, o seu apego aos velhos habitos, a sua prudencia, a sua tendencia para o sobrenatural.

Aliás a observação de Alain não é completamente original. O que, de certo modo, lhe dá mais valor, pois demonstra que, oc-



correndo a mais de um espirito, ella não é, tão pouco, artificial, gratuita.

Outros terão pensado ou dito a mesma coisa, por palavras differentes.

Posso, por exemplo, reproduzir os conceitos de Jean-Jacques Rousseau, sobre a psychologia do homem do campo, que concordam com os do moderno pensador francez. Na resposta que dirige a uma das criticas articuladas contra o seu discurso sobre “Si o restabelecimento das Sciencias e das Artes contribuiu para aperfeiçoar os costumes”, diz o Cidadão de Genebra o seguinte: “o camponez, que vê a chuva e o sol, successivamente, fertilisarem o seu campo, admira, louva e bendiz a mão de que recebe essas graças, *sem se preoccupar da maneira pela qual ellas lhe chegam.*” E logo adiante: “Elle não censura as obras de Deus, e não aggride o seu Senhor, *para fazer brilhar a sua sufficiencia.*” (Rousseau, Oeuvres Diverses — Edition de Neuchatel — 1764 — Vol. I, pg. 94.)

Esta actuação da terra sobre os homens, observada assim, no individuo isolado e nas classes ligadas á terra, *é que forma, nos Es-*

*tados, o sentimento do nacional.* A ligação com o territorio elimina as differenças ethnicas de um povo, limita-lhe a actividade politica dentro de fronteiras geographicas, imprime-lhe, na variedade infinita das tendencias pessoas, uma alma uniforme e collectiva para certas occasiões, estabelece dentro desta massa multipla, e, comtudo, harmonica nos seus contornos geraes, o factor supremo de entendimento e de coordenação que é constituído pela idéa e pelo sentimento de *patria*. (V. nota 2).

Para o judeu, porém, o facto nacional não está na terra, nem em nenhuma expressão material. Para elle a patria é um *consensus*, como disse Spengler, é uma abstracção, uma entidade metaphysica, representada por expressões incorporeas, como a fé religiosa. Jerusalém é uma capital espiritual, e não o centro material do povo. O que serve de elemento de fixação para o povo de Israel, o seu campo de acção commum, a sua patria, emfim, não é, portanto, um territorio geographico, palpavel, mas os symbolos intellectuaes que exprimam as suas ambições de opulencia

e de mando, o seu sonho de hegemonia racial, a sua mystica de conduzir os povos dispersos através do deserto da vida, para o Chanaan da justiça, como Moysés conduziu o povo eleito: o destino, enfim, da salvação e da redempção das almas peccadoras.

Este povo fraco, incapaz de produzir riqueza economica, mas prodigiosamente habil para mobilisar a existente, e enriquecer-se com as transacções, inhabil no manejo das armas, mas possuindo a mais forte de todas, que é o dinheiro, realisa, pois, de certo modo, o ambicionado sonho de dominar outros povos. A trama subtil, mysteriosa e irresistivel dos seus interesses, pode fazer a paz ou a guerra, a prosperidade ou a penuria das nações não judias. Isto no que se refere aos judeus argentarios, descendentes talvez da grande maioria que resolveu ficar no captivo do Egypto, entregue aos seus negocios, em vez de regressar á patria com a minoria fanatica e illuminada que acompanhou Moysés. Estes ultimos, porém, os crentes, os mesianicos, deixaram, igualmente, descendentes

até hoje, dos quaes nos occuparemos com maior interesse.

Nelles se manifesta o verdadeiro sentido da alma hebraica, que é a prophesia. A previsão do futuro com a lucta entre o bem e o mal e a inevitavel victoria daquelle sobre este, thema permanente da politica e da religião judaicas, é a sublimação de um complexo de inferioridade, de uma raça opprimida, errante e fugitiva. Manifesta-se atravez da Historia em differentes épocas, e adquire sempre uma nova symbolisação, adaptavel ás circumstancias da evolução historica. Segundo Spengler, o sentimento da prophesia apparece por volta do setimo seculo A.C., no qual se deu a extincção do polytheismo judeu e a apparição do monotheismo, com a consequente unificação da idéa do bem e da esperanza do premio final. Comprehende-se, assim, a esperanza apocalyptica da obtenção deste premio, com a certeza da victoria definitiva e absoluta do bem sobre o mal. O povo estava fadado a se redimir. Estava fadado a assistir á lucta entre o bem e o mal, com a supremacia transitoria deste para, afinal, ser attin-

gida a suprema felicidade de Israel, e o seu dominio sobre os outros povos. Esta “moralisação da Historia Universal”, (expressão de Spengler), extinguiu, por fórmula completa, o conceito territorial da nação, e preparou o advento e a formação das “nações mágicas”, (outra expressão do grande mestre germanico), nas quaes não existe ligação com a terra, nem se comprehendem as fronteiras politicas da *geographia communis*.

Assim, enquanto os povos fortes, como os babilonios, os egypcios, e, mais tarde, os romanos, apoiavam-se na força das suas armas e limitavam rudemente os seus Estados, traçando os riscos das fronteiras com as pontas das lanças, o judeu, integrado na sua nação mágica, incorporava-se involuntaria e successivamente ora a um, ora a outro desses Estados fortes, embalado e defendido pela theoria internacionalista da salvação, obra do Espirito Eterno, que não pode abandonar Israel na ignominia e na servidão.

Foram este sentido prophetico, esta crença na moralisação da Historia e na redempção final dos homens, com a victoria do

bem sobre o mal, que formaram, na amargura do soffrimento millenario, o fundamento da alma hebraica. A symbolisação desses complexos primitivos, transformou-se, contudo, atravez dos seculos, soffrendo a influencia da inevitavel evolução dos factos historicos. Hoje, com excepção de alguns fanaticos hirsutos e barbados, que ululam sinistramente, tocando a fronte no Muro das Lamentações, não ha mais judeus que possam acreditar na vinda do Deus dos Exercitos. Os couraçados inglezes e americanos, as bayonetas francezas, a horda armada dos soviets, são argumentos excessivamente convincentes, para os que ainda possam guardar qualquer duvida. Mas, si a dura realidade dos factos tem afastado, atravez dos seculos, o judeu da sua esperança prophetica de sujeitar o mundo pelas armas, com o auxilio de Deus, a formação messianica da sua alma, e as qualidades admiraveis da sua intelligencia tenaz, o impellem a conseguir uma outra forma de conquista dos povos. Esta forma de conquista, segundo nota, ainda, genialmente, Spengler, é a *conversão delles ás crenças do ju-*



*dev.* A “nação mágica” sem terra e sem armas, não toma territórios com o auxílio de soldados, mas arrasta súditos, por meio da sua pregação evangélica.

Dahi a inclinação invencível do judeu para o capitalismo ou para o socialismo internacionalistas. O dinheiro não tem pátria. A classe não tem pátria. Portanto, o judeu argentário estará ao serviço da alta finança internacional, e o judeu messiânico adherirá, irresistivelmente, á mystica da salvação do mundo pela acção internacional do proletariado. A mesma inclinação psychologica, a mesma actividade natural do instincto, levam os judeus a duas direcções, que são dois contrastes: o banco e a cellula revolucionaria, e elle serve ao internacionalismo capitalista, sendo banqueiro, e serve ao internacionalismo proletario sendo agitador communista. Esta contradicção inverosimil encerra, afinal, impulsos de uma unidade psychologica absoluta.

Assim, o internacionalismo marxista não é sinão uma nova expressão do velho internacionalismo judeu, applicavel ás condi-

ções actuaes da evolução social. O sentimento permanente da alma admiravel da “raça eleita”, se transforma na apparencia, muda de côr, para poder se ajustar ás necessidades historicas. Na antiguidade credula e pre-scientifica, apparecia como religião, como revelação, como prophesia. *As ameaças de Isaías contra Babylonia são como ecos pre-nunciadores das imprecações de Marx, no Manifesto, contra os “oppressores”, os “ex-polhadores”.* (V. nota 3)

Lá a nação magica e espiritual affirmava o seu predomínio proximo sobre os Estados constituidos. Aqui a nação proletaria, tão magica quanto a outra, porque fluctua irrealmente sobre os Estados nacionaes, embora se revista do cunho puramente materialista, declara, tambem, que se liberta da fatalidade das fronteiras raciaes e que arruina, egualmente, os Estados modernos.

Apenas o que era “religião” virou “sciencia” (e a “sciencia” marxista é uma pura expressão religiosa), o que era “revelação” virou “doutrina”, o que se suppunha “pro-

phecia", transforma-se hoje no que se crê "previsão dialectica"....

Marx era judeu. Mas Lenine não o era. O grande Trotsky é judeu. Mas Staline, a panthera astuta e sanguinaria, não o é. A simples fixação destas minucias, projecta uma luz reveladora sobre as actividades doutrinarias e revolucionarias desses astros do socialismo. O leninismo é um marxismo moscovita, isto é, nacionalista, liberto do sonho judeu. Aquelle pequeno burguez semi-asiatico, profundamente arraigado á terra e á sua fatalidade, sabia que eram inapplicaveis os schemas theoricos e generalisadores que o judeu allemão traçou para destino commum da humanidade. E sabia porque o sentia imperiosamente. E o sentia porque não era judeu, porque possuia, na sua formação íntima, a influencia de elementos raciaes diferenciados, cuja evolução só poderia ser governada por systemas nacionaes, que attendessem aos imperativos de taes particularismos ethnicos. Homem amigo das formulas, e crente nas idéas, Lenine suppunha, entretanto, (ou fingia suppor), que o leninismo era

uma etapa transitoria, um periodo de adaptação da realidade russa ao socialismo ideológico e internacional. A verdade, porém, que se tem revelado, é muito outra. Si o proprio Lenine, no fim da vida, já confessava a sua admiração pela obra moscovita dos grandes "tzars", o seu sucessor, este georgiano rude que impera hoje no Kremlin, não é sinão um "tzar" vermelho, um "tzar" proletario, anotação cuja evidencia já desceu ao nível dos romances populares. A revolução que elle conduz é cada vez mais bolchevista, isto é, mais typicamente russa. O internacionalismo proletario desapareceu por completo, até mesmo se nota a sua ausencia nas simples formulas de propaganda. A mais espantosa prova deste anti-internacionalismo, desta concepção anti-marxista da historia, é a criação da celebre doutrina stalinista, do *socialismo num só paiz*, lançada já ha uns cinco annos. Esta doutrina, si é profundamente falsa no ponto de vista da theoria revolucionaria, não deixa de ser profundamente real no ponto de vista da pratica revolucionaria. Consiste, mesmo, na expressão viva desta

*pratica, porque officialisa um caminho inevitavel nas revoluções socialistas, que é a sua nacionalisação. O internacionalismo é uma theoria, uma ideologia, uma falsidade. A nação é um facto, um corpo: uma realidade. A nação absorverá forçadamente o internacionalismo, chamando a si as bases sociaes e politicas da revolução, mas imprimindo-lhe um indelevel sello nacionalista.*

Assim, com ou sem o reconhecimento do direito da propriedade privada, com ou sem o controle do Estado sobre os meios da produção, com ou sem a propriedade commum da terra, marxista tanto quanto fascista, a revolução no Brasil tem de ser, preliminarmente, *brasileira*.

Quem não sente esta evidencia? Quem não se cega com a luz desta verdade? Quem não se curva ao peso desta fulminante experiencia?

O judeu, que não tem patria e que, por isso, acredita na execução das doutrinas que prescindam da realidade nacional.

Por isso é que Trotsky é hoje o depositario da pureza marxista, que Staline não

pode compreender e que Lenine foi obrigado a contornar. O judeu Trotsky põe a sua intelligencia vigorosa ao serviço do genio do judeu Marx. Mas o bolchevismo russo, engolphado no seu sombrio drama nacionalista, não pode mais escutal-os. E o velho communista, expulso do Partido e exilado da União Sovietica, continúa escrevendo os seus libellos anti-stalinistas, absolutamente exactos quanto á theoria, mas completamente falsos pela incomprehensão da verdade meridiana que viemos de expôr e cuja claridade o atavismo da sua raça não lhe permite penetrar.

Aliás, si lançarmos os olhos sobre certos episodios da Historia, examinando-a do ponto de vista que foi aqui adoptado, verificaremos a repetição constante do phenomeno occorrido com a Revolução Russa. Os movimentos surgidos em torno de uma ideologia philosophico-scientifica, desligada da fatalidade racial, e que, por isso mesmo, se revestem de um caracter generalizador e internacionalista, acabam sempre por se transformar num movimento nacionalista. E, si examinarmos ainda mais de perto o problema,



verificaremos que a etapa internacionalista do movimento se processa, quando elle está sendo orientado por judeus, e que a sua etapa nacionalista surge, quando a direcção resvala para homens em cujas veias não corre o sangue inquieto de Israel.

A titulo de curiosidade começamos por examinar, com a intenção que acima ficou delineada, o episodio historico da Revolução Franceza. Digo a titulo de curiosidade porque as causas e as consequencias da revolução politica da democracia estão, hoje, se distanciando, cada vez mais, do fóco das preoccupações, e não influem, senão muito remotamente, na formação das novas gerações. Além disto o proprio afastamento do tempo, bem como a amplidão do assumpto, nos impedem de formar um juizo claro e de fazer uma synthese fiel, como exige a honesta exposição do problema que abordamos. Em todo caso ha certas coincidencias que fazem pensar. Articulemos, assim, os factos com os seus resultados.

## 2 — *O internacionalismo judeu na Revolução Francesa*

Os judeus parecem, de facto, ter sido os iniciadores da idéa democratica moderna, e os preparadores da rubra revolução em que ella desabrochou, como uma flor de sangue.

O regimen que mais convem aos hebreus, para que elles possam desenvolver amplamente as qualidades nativas, é o que se resume no sortilegio das tres palavras que derruíram um Estado e convulsionaram um povo: “liberdade, egualdade, fraternidade”. Consulte-se qualquer tratado de historia judia, veja-se qualquer compendio vulgarizador do sionismo, converse-se com franqueza com qualquer judeu, e se verá que o regimen ainda hoje preferido pelos israelitas é a re-

publica democratica. Nesta forma de Estado leigo, policiado, egualitario quanto ás possibilidades de esforços economicos, conservador quanto ao acautelamento do trabalho e dos seus fructos, (como a propriedade privada), o judeu pode multiplicar á vontade a sua actividade febril de apprehensão e accumulação, pode dar azas ao seu plastico engenho de se apoderar dos bens materiaes, pelo qual o seu coração se inflamma de commovente ternura.

A Republica, no seu sentido moderno, é o poder dos judeus. Seria realmente interessante, para nós, estudar a influencia desse inquieto espirito racial, nas causas que determinaram a queda do Imperio do Brasil. Juro que o judaismo appareceria na trama demagogica dos prégadores e missionarios, que evangelisavam a massa inculta, ou que puzeram cocegas salvadoras nos virgens espadins da mocidade militar.

Outra suggestão aos nossos historiadores, sobre a qual não me posso, desgraçadamente, demorar, forçado que estou pela linha recta do meu assumpto.

De qualquer forma, comtudo, não se pode negar o depoimento dos factos históricos.

E' considerável a influencia do raciocinio judeu na philosophia de libertação do seculo dezoito. E o judeu iberico, o "sefardim", tem grande participação nesse movimento ideologico. Particularmente o judeu portuguez, ou de origem portugueza, radicado em outros paizes depois da campanha impiedosa da Inquisição. Sem falar nos grandes, como Spinoza, constructor de uma obra philosophica cheia de arrojo liberal, que ia ser suffocada pela intolerancia religiosa, para resurgir, cem annos depois, nas vespervas da Revolução Franceza, revivida por dois outros filhos de Israel, F. Jacobis e Moses Mendelssohn, poder-se-ha lembrar, a titulo de exemplo, os nomes de Uriel da Costa e Abrahão Furtado. O primeiro foi o afamado revolucionario, foragido da cidade do Porto e que, antes de Voltaire, iniciou o grande messianismo, em favor da liberdade intellectual, do atheismo, e da rebeldia contra as instituições politicas vigentes. O seu choque

com ellas levou-o ao suicidio. Realisou uma especie de esboço da proxima revolução democratica. Abrahão Furtado foi um celebre girondino. Aliás, é curioso notar uma remiscencia da nossa lingua, que bem caracteriza a ligação entre o judeu e as idéas revolucionarias daquela época. Com effeito, no periodo em questão, e mesmo depois, durante o seculo passado, chamava-se em Portugal, e no Brasil, “judeu” ao “pedreiro livre”, ao “maçon”. E que foram os membros desta seita, senão os mais renitentes e fanaticos apostolos das tendencias libertarias, os propugnadores, os divulgadores dos principios corporificados pela Revolução Franceza? (1)

---

(1) Aliás, pode-se ter por certo que a maçonaria, com os seus mysterios, os seus ritos secretos, as suas preocupações moralisantes e politicas, é uma instituição originariamente hebraica. As sociedades secretas sempre foram do agrado dos judeus. Na Revolução Franceza as lojas maçonicas concorriam com os celebres clubs, na pregação dos ideaes subversivos. As mesmas sociedades fechadas, egualmente de influencia israelita, mas, desta vez, levadas á actividade terrorista, pela necessidade do ambiente, apparecem, no periodo da Revolução Russa, que vae, mais ou menos, de 1850 a 1880. (A Revolução Russa durou, de facto, quasi um seculo. Desde os dezembristas de 1825 aos bolchevistas, de 1917). A prova mais evidente da influencia judia na

A revolução democratica do seculo dezoito foi, como a revolução social do seculo vinte, uma ideologia politica baseada em uma explicação philosophica da vida. Assim como o judeu Marx achou necessario retorcer, ("umstulpen"), a philosophia hegeliana, para tirar de dentro della a força explosiva que ali se continha, em estado latente, o judeu Rousseau, na construcção do seu monumento de chimeras, serviu-se, tambem, como alicerce, das "luzes philosophicas" dos seus inimigos encyclopedistas.

Que Jean-Jacques era de origem hebraica, não parece haver duvidas. A sua alma atormentada, messianica, a sua vida errante, a sua dupla nacionalidade não enganam. Examinemos ligeiramente a familia de onde provém. Os seus ascendentes paternos, de

---

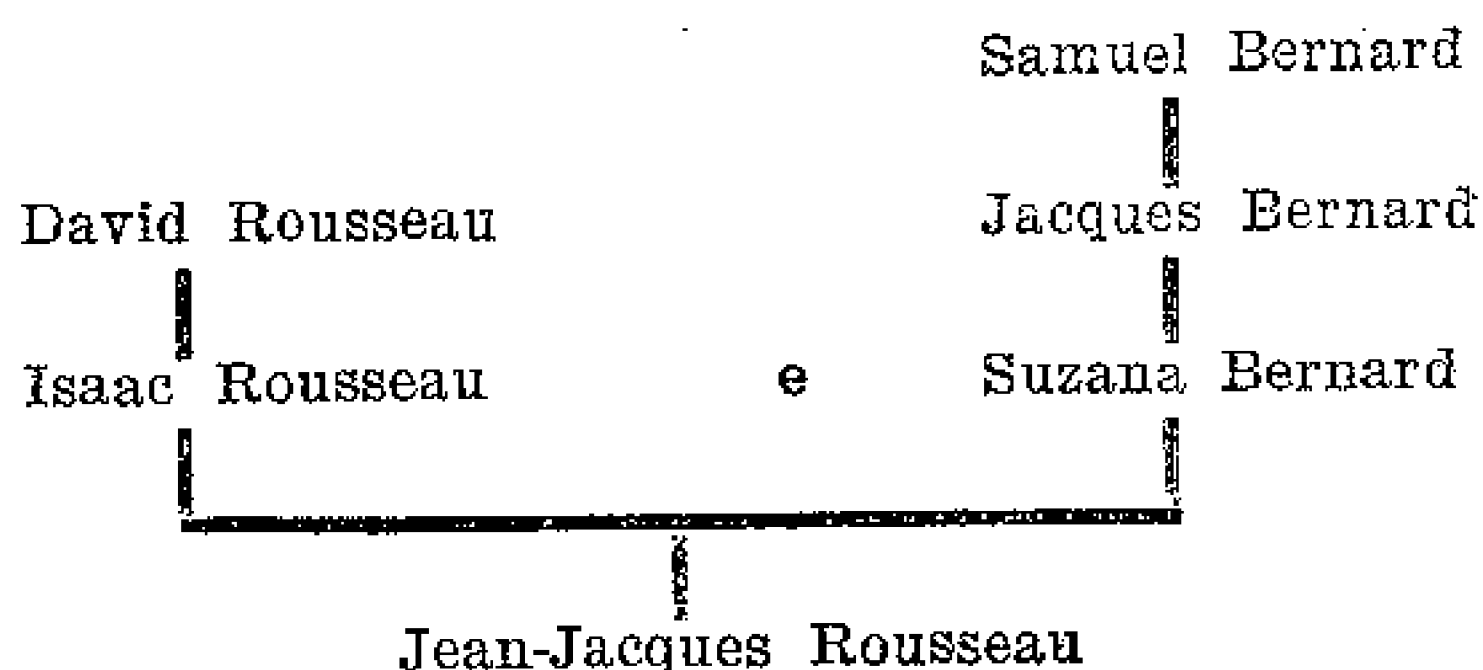
maçonaria é, além do caracter secreto, mystico e internacionalista desta, a formação dos termos convencionaes, ou sagrados, do uso dos maçons, *que são quasi que totalmente de origem hebraica*. (V. "Thuileur des 33 degrés de l'écossisme, du rit ancien, dit accepté; auquel on a joint la rectification, l'interprétation et l'étymologie des mots sacrés, de passe, d'attouchement, de reconnaissance, etc...., qui, pour la plupart empruntés de la langue hebraïque, ont été tellement altérés"...)  
etc., Paris, 1815.

origem franceza, eram protestantes, refugiados na pequena republica reformista. Os maternos eram originarios de uma povoação situada nos arredores da cidade de Genebra. Quando alguém pesquisa os nomes desses antepassados, paternos e maternos, vê logo, nelles, o sello indelevel de Israel. Com effeito, trazem, sempre, uns e outros, nomes biblicos, nomes judeus. E é sabido que, na Europa, esses nomes são indicativos da raça. Entre nós, no Brasil, onde se perdeu, na maioria das familias de origem judia, a tradição israelita, ha muitos judeus de sangue que trazem nomes não judeus, assim como ha, reciprocamente, varias familias christãs-velhas, que adoptam nomes sómente utilizados na Europa para judeus. E' verdade, tambem, que, nos paizes europeus, alguns nomes judeus entram na nomenclatura das crianças de outras raças, mas são pouquissimos. E, em todo o caso, os nomes que trazem os ascendentes de Rousseau são typicamente judeus, daquelles que nenhum francez de raça pura se atreveria a dar a um filho. Além disso ha, ainda, a notar que não se trata de uma excep-



ção, ou de um caso esporádico. Quasi todos os ascendentes e collateraes do philosopho genebrez têm nomes typicamente israelitas. Si não vejamos.

A genealogia proxima do genial precursor da revolução democratica é assim constituída:



Filho de um Isaac e de uma Suzana, neto de um David, bisneto de um Samuel, Jean-Jacques não engana. Corre-lhe, nas veias inquietas, o sangue incendiado e tumultuoso, que tanto sangue tem feito derramar á humanidade. (Ver nota 4.)

Para complemento desta lista de nomes biblicos, poderíamos ainda citar alguns dos seus mais proximos parentes, como o do seu tio materno Gabriel Bernard, casado com sua

tia paterna Theodora Rousseau, pae e mãe do seu primo e primeiro amigo Abrahão... Inutil irmos mais longe. (2)

Nada de admirar, pois, que, sendo judeu, Jean-Jacques acreditasse na força dos schemas theoricos. E o Contracto Social é schematico, theorico e internacionalista. Rousseau desejava applicar o mesmo regimen democratico a todos os povos civilizados. E' bem sabido que o seu objectivo proximo era dotar, com o seu systema, o paiz de Genebra, de que era cidadão. Pensou depois na Corsega, que elle previa, com instinto divino, que ia "assombrar o mundo". Mas, no fundo, o intuito de Rousseau, aliás declarado, era applicar o seu systema ideal aos pequenos Estados, onde parecia mais facil fazer-se a experiencia, transferindo-o, depois, uniformemente, para os grandes. Era, portanto, um regimen permanente, geral e scientifico, independente das particularida-

---

(2) Sobre a genealogia de Rousseau, aproveitamos os dados de Ritter, o grande pesquisador da vida do pensador de Genebra, citados por Ernest Seillière, no seu magnifico trabalho "Jean-Jacques Rousseau" — (Ed. Garnier, Paris, 1921, pgs. 3 a 10.)

des nacionaes. Hoje a historia se repete, como sempre. (O leninismo russo é a “experiencia socialista”, para ser applicada futuramente em todas as nações...)

Com o advento da Revolução Franceza, a qual, assim como a Revolução Russa, só explodiu depois da morte do seu propheta judeu, o poder cahiu a principio na mão dos puros, dos que não transigiam. Robespierre, Marat, Danton, tres nomes familiares a qualquer menino de collegio. Mas o que se conhece menos, quando se trata do triumvirato celebre da democracia, é a influencia judaica sobre a formação desses tres homens.

Um delles, Marat, era incontestavelmente judeu de sangue. (3) Filho de um pequeno burguez, por nome Mosessohn, leva a vida errante e peregrina, peculiar á sua raça. Nasceu na Suissa, em Baudry, no cantão de Neuchatel. Cedo abandonou o seu paiz natal. Impellido pela instabilidade da raça errou ate

---

(3) Sobre o judaismo de Marat, ver: Albert Letailier, “Juifs et Chrétiens Inconciliables”, Paris, 1926, pg. 168. — Drumont, “La France Juive”, pg. 299. — Mario Saa, “A Invasão dos Judeus”, Lisboa, 1926, pg. 241.

os quarenta annos pela Europa, vindo afinal a se fixar em França. Charlatão, vendia panacéas infalíveis, sabio, philosopho, veterinario, prégador politico: judeu, emfim. A inquietação, a agilidade, a aventura de Israel. E a sua voz, sahida dos subterraneos, atravez de jornaes clandestinos, clamava pelo sangue, pela destruição, como a dos antigos prophetas invectivadores. E é capital a influencia deste israelita no desenvolvimento sanguinario da Revolução. A sua penna incendiaria de paranoico, a sua allucinada crueldade, a sua ousadia astuciosa, qualidade do covarde, cooperavam na prégação do seu evangelho de carnificina.

Robespierre, segundo Mario Saa (4), descende de uma familia de judeus alsacianos, chamados Ruben. Acceitei esta informação do portuguez com certa reserva, pois, embora o seu livro seja bem documentado, e não apresente symptomas de improvisação em outros pontos, pareceu-me que a informação

---

(4) Opc. e loc. cit.

do autor era dada de passagem e sem apoio em citação autorisada.

Não consegui encontrar, nos elementos de que disponho, nenhuma passagem que autorise a acceitar nem recusar, directamente, o testemunho do portuguez sobre o chefe principal da Revolução, o que mais lhe imprimiu um cunho internacionalista.

Entretanto, dados complementares sobre a pessoa de Robespierre, e observações sobre a sua actividade politica, inclinam-me, antes, a acceitar a versão do seu judaismo do que a recusar-a.

Com effeito, não nos devemos esquecer de que o modesto e applicado burguez de Arras, ao qual estava destinado tão relevante papel no grande drama, era filho de um pae de origem ingleza, que vivia na Allemanha, onde morreu. Estas migrações e estes caldeamentos, dentro da Europa daquelle tempo, já dão sufficientemente o que pensar...

E quanto á sua actividade revolucionaria ella fica claramente desvendada pelas penetrantes anotações psychologicas de Lamar-

tine na sua grande obra sobre a parte final da Revolução. (5)

Falando de Robespierre, assim se expressa Lamartine: "A Revolução não era, a seus olhos, sinão a realização da philosophia do seculo dezoito, a eclosão da justiça e da razão, dentro da lei. Sua politica, redigida no Contracto Social, não era sinão a formula sem alma da theoria evangelica que elle queria realizar, como instituição democrática. (6) Liberdade, egualdade, fraternidade entre os cidadãos, paz entre as nações, estas palavras, commentadas em beneficio de todos os homens, e em prejuizo de todas as desigualdades, de todas as tyrannias, eram o seu Codigo." E mais adeante, esta observação das tendencias schematicas e scientificas, na solução dos casos sociaes, tão peculiares ao marxismo judeu: "Elle applicava as formu-

---

(5) "Histoire des Girondins", Paris, 1908, vol. III, pg. 148.

(6) Note-se o instincto, que levou o grande poeta a discernir, no fanatismo do revolucionario, um fundo de exasperação religiosa. E', sem duvida, aquella mystica generalisadora, a que me referi paginas atraz. Lamartine pressentiu, admiravelmente, a fé do hebreu dentro do frio raciocinio do propagandista politico.

las e as consequencias sem transigir a todas as questões, a todas as circunstancias.” E logo após: “seu interesse era a sua fé; sua ambição, a sua causa; seus amigos, todos os que serviam esta causa; seus inimigos, todos os que a pareciam trahir.”

Ahi está, em meia duzia de traços impressivos, o contorno de um “perfil hebreu”, para usar da expressão do poeta republicano, o christão-novo Guerra Junqueiro, que, diga-se de passagem, o tinha igualmente, physico e moral, mais do que ninguém. . . .

Nem falta, ao perfil hebreu, traçado por Lamartine, o reparo final, que coincide com a visada aquilina de Spengler, que ficou indicada paginas atraz. Com effeito, a observação do poeta de que Robespierre considerava “seus amigos” os que participavam de sua fé, os “seus inimigos”, os que a renegavam, junta-se á affirmação do sociologo, quando diz que o judeu, raça fraca, não conquista os subditos pelas armas, converte-os pelas idéas ou pelas crenças. Não faz prisioneiros pelas guerras. Arrasta-os com a sua prégação evangelica.

Mas, onde os traços da psychologia hebraica do grande agitador se accusam mais fortemente é, exactamente, na tendencia internacionalista de sua prégação politica.

E esta se descobre, com vigor, no projecto da nova Constituição por elle apresentado á Convenção, para substituir a celebre “Declaração de Direitos”, que tinha servido de base á Constituição de 1791. Neste documento, que passou a ser o Novo Testamento da fé democratica, a Convenção Nacional “proclama á face do Universo”, no seu artigo 34, que “os homens de todos os paizes são irmãos”. Com isto se assemelha a apostrophe uíterior do judeu allemão: “proletarios de todos os paizes, uni-vos”!

Nos artigos 35 e 37 diz ainda a Constituição de Robespierre que “aquelle que opprime uma nação é inimigo de todas”, que “o soberano da Terra é o genero humano” e que “o legislador do Universo é a natureza”.

E’ candente o appello de Rousseau em favor das massas opprimidas, egual ás esperanças imprecadas pelos antigos prophetas,



ou ás levantadas pelos novos, os que se filiam àquelle barbado propheta de sobrecasaca, que, em meados do seculo passado, collocou os termos da questão de accordo com o espirito politico da época, sem despojal-a, entretanto, do seu fundamento religioso. Assim o soberano da terra deixou de ser a imagem diffusa e illimitada do "genero humano" para se crystallisar revolucionariamente nas massas de trabalhadores, explorados internacionalmente: os "proletarios". E o legislador do universo soffreu o mesmo processo de synthetisação. Em vez da "natureza", no seu todo romantico e informe, passou a ser a *natureza transformada pelo homem*, ou, mais particularmente, os factores que, segundo elles suppõem, regem imperativamente esta transformação. As "forças de produção", do materialismo historico...

Trata-se do desenvolvimento necessario de uma mesma idéa, embora as consequencias formaes se mostrem contradictorias (7).

---

(7) Esta ligação entre os movimentos socialista e democratico, já tinha sido levemente aflowerada por mim em um trabalho anterior (V. "Introdução á Realidade

Foi a instintiva percepção do phenomeno internacionalista na Constituição de Robespierre, que levou Lamartine a dizer com clareza (8) que a "Constituição, apresentada pelos Girondinos (9), era uma instituição franceza, e a Constituição, apresentada pelos Montanhezes, uma instituição universal". Leia-se internacional.

O espirito francez de Condorcet sentia a nação. Não a sentia o espirito hebraico de Robespierre (10).

---

Brasileira", pgs. 68 e segs.) Ali, entretanto, eu não tinha, ainda, me occupado com o espirito hebraico, que anima a ambos.

(8) Op. cit. vol. IV, pg. 209.

(9) O projecto dos Girondinos foi redigido por Condorcet.

(10) Ha ainda outros indícios que me parecem concorrer para a convicção do judaismo de Robespierre, levando sempre em duvida a affirmação, talvez bem documentada, de Mario Saa. Entre elles a defeza que sempre fez, dos judeus, nas Assembléas, tendo sido um dos mais energicos batalhadores pela emancipação total da raça. Era, além disso, amigo das associações hebraicas, como, por exemplo, da "Alliança Israelita", de que parece ter sido, mesmo, membro fundador. Ha, ainda, a observar, os numerosos amigos judeus que elle possuiu, taes como os italianos Chaber, e Buonarotti, sendo que este foi nomeado, por Robespierre, commissario da Convenção junto aos exercitos da Italia, e fundou, com Babeuf, (seria Babeuf judeu tambem?) uma sociedade secreta, tão do agrado dos israelitas. Fun-

Danton, diz Mario Saa (11), era um judeu polaco, por nome Daniel. Anotemos a informação.

E' verdade que a sua familia paterna, de que trazia o nome, e que se extinguiu com os dois filhos, mortos celibatarios (12), provinha da media burguezia franceza, honesta, pura e dada á cultura do campo. O sangue judeu lhe tinha sido trazido, pois, pela mãe, ou pela avó paterna. Como quer que seja, a sua actuação no desenvolvimento ideologico e doutrinario da grande convulsão, foi menor do que a dos dois comparsas e rivaes, que acima indiquei, como judeus. Danton foi o colosso tonitroante e activo das pelejas. O tactico da insurreição da plebe. A ideologia revolucionaria no seu sentido importantissimo de internacionalismo foi, entretanto, de-

---

dou, depois, em Genebra, uma loja maçonica, com um irmão de Marat, outro judeu. Note-se que o pae de Robespierre era, igualmente, fundador de uma loja maçonica. Robespierre era, tambem, amigo do judeu allemão Wilcheritz, sapateiro que elle fez administrador da prisão do Luxemburgo, guardião, portanto, dos velhos nomes da França...

(11) Op. e loc. cit.

(12) Lamartine, op. cit., vol. II, pg. 155.

finida pelos outros. Sobretudo por Robespierre.

Além dessas estrellas de primeira grandeza, que scintillaram no firmamento revolucionario, deve-se ainda considerar a existencia das luzes mais modestas, mas que concorrem, entretanto, para completar e compôr a constellação hebraica.

Depois do grande mestre do Contracto Social e dos seus discipulos mais eminentes, entram comparsas secundarios do grande drama. Letellier, num capitulo da sua obra já citada, denominado "Les juifs révolutionnaires", cita pelo menos vinte judeus, que exerceram papeis de menor ou maior destaque na acção, mas que nella se envolveram com igual vigor.

E, detalhe curioso, para mostrar o sentido internacionalista da convulsão, convem lembrar que o judeu Marat, no numero 50 do seu "Ami du Peuple", certifica que os vencedores da Bastilha, (portanto os primeiros autores da investida symbolica) eram, na sua maioria, allemães.

Ora, o testemunho do suiso Marat é,

neste ponto, de indiscutível autoridade, pois é sabido que o agitador judeu foi um dos que, pessoalmente (13), dirigiram o assalto contra a fortaleza que encarnava a idéa de opressão. Um suíço á frente de varios alle-mães, assaltando, em nome dos parisienses, uma fortaleza de Paris... Anotemos e passemos.

A moralisação da historia universal, o cumprimento da prophécia evangelica de libertação final, encontrava, pois, os judeus a postos para a lucta admiravel e heroica. Não a acompanhemos até o fim, que longa já vae esta excursão no passado, e o presente nos espera, com a sua massa abundante de factos. Não façamos aqui a historia da Revolução Franceza, em funcção do judaismo, grande obra que excede aos planos e aos esforços deste livro, e que já tem sido tentada, apesar dos protestos da burguezia democratica, entre os quaes se destaca o protesto do grande Herriot. Depois de indicadas summa-

---

(13) Carlyle, "Histoire de la Révolution Française". (Tr. fr.), Paris, 1912. Vol. I, pg. 253.

riamente as ligações inilludiveis que nessas paginas foram expostas, voltemos, com apoio nellas, a lançar um rapido golpe de vista de conjuncto sobre o panorama da Revolução.

Na confusão da tormenta emergiam tres homens, tres guias: tres judeus. Continuavam a prégação de um messias judeu, já desaparecido. Satellites os cercavam. E a revolução era um movimento theorico, dirigido indistinctamente, internacionalmente, contra todos os thronos. Depois, o orador fascinante das massas, o torvo e sanguinario jornalista do “Ami du Peuple”, e o secco “Incorruptivel” cahiram um a um, victimados pelas laminas da guilhotina e do punhal. Os sattelites perdiam aos poucos a actuação e o espirito internacionalista, a mystica hebraica, incapaz de abraçar o mundo na chamma ardente da fé democratica, entrava em lucta com as crises internas da realidade nacional, abria o embate com a verdade-nação que os seus devaneios tinham querido amortecer. E a revolução, que se espraicara como uma maré montante, vem recolhendo o excesso das suas aguas, e procurando um sentido nacional.

Este lhe ia ser imprimido, desde logo, a partir do Directorio, por um jovem general provinciano, vagamente desmoralizado, que vegetava pobremente em Paris, gastando as solas pelas escadas ministeriaes. Bonaparte não era judeu. Por isto a sua formação psychologica não se curvava ao peso das duas taras immemoriaes de Israel: a ciência nos schemas theoricos, provinda do sentido prophetico da raça fraca, humilhada pelos fortes, e a tendencia internacionalista, decorrente da perda de contacto da nação com a terra. Elle não podia acreditar num systema governativo ideal, applicavel a todos os povos. *E com Bonaparte começa a reacção fascista do tempo, isto é, a adaptação das theorias de governo ao facto e á idéa nacionaes.*

O meteca corso escolheu a patria que melhor lhe servisse ás ambições. Poderia ter sido italiano. Um bom destino fel-o francez. E elle, com o seu genio prodigioso, desligou a revolução dos seus mythos systematicos e internacionalistas, e imprimiu-lhe o cunho real, que ella devia ter, aquelle que estava realmente de accordo com a situação histori-

ca do momento: o character militar e a conquista. Com effeito, o que era a Europa da era napoleonica? Um mercado offerecido ao genio e á organização do commercio inglez. A Allemanha, a Italia, a Polonia, as grandes nações actuaes, não eram sinão mosaicos esphacelados, dispersos, perdidos. A Iberia, então como hoje, era uma península tutelada pelo abutre saxão. Só a França mantinha a sua unidade historica, a sua força militar, a sua capacidade de expansão. *Por isto só ella poderia arrancar, pelas armas, os mercados que os terriveis negociantes da Mancha tinham conquistado com as suas prôas atrevidas, e com a formidavel superioridade da sua industria, naquella éra do combustivel carvão.* Eis porque a Revolução, nascida de uma concepção philosophica e executada por uma doutrina politica, ambas internacionalistas, terminou por se transformar num movimento reaccionario e nacionalista, seguindo a orientação imperativa da realidade historica. E é interessante notar que Napoleão, uma vez firmado no poder, tentou approximar-se dos judeus, e o conseguiu, por algum tempo.



Mas o imperio é um governo que não convem ao genio hebraico... Dahi a inimizade que o internacionalismo capitalista dos Israelitas votou ao curso coroadado, concorrendo para o seu desastre, pelas manobras commerciaes e financeiras levadas a effeito, dentro e fóra da França, por occasião da campanha da Russia.

Outro exemplo? Sim, vamos a outro exemplo. E este mais fascinante, mais impressivo, mais convincente, por se ter desenrolado sob os nossos olhos: a revolução hitle-rista.



### 3 — *O internacionalismo judeu na revolução alemã*

A explosão anti-semita no nacionalismo alemão significa barbaria para uns, atrazo e obscurantismo para outros. No Brasil, onde, em geral, essas coisas são examinadas superficialmente, o phenomeno parece inexplicavel. Ha quem o creia exaggero de propaganda anti-hitlerista, por não acreditar que os factos relatados na imprensa possam occorrer, num paiz civilisado, “desde que não haja razão para elles”.

A questão, porém, é que, no quadro historico da moderna Alemanha, a razão existe, infelizmente. Trata-se da lucta de morte entre duas tendencias que são manifestações necessarias de duas raças distinctas, de duas almas differentes: o internacionalismo judeu

e o nacionalismo germanico. Não se pode culpar nem um nem outro dos excessos a que foram levados ambos na realização do que lhes parecia ser o caminho da verdadeira politica, e que mais não era, entretanto, do que a forma mais efficiente de defenderem os seus proprios interesses. Porque é sobre o interesse que se assenta a politica, como qualquer outra actividade humana. Assim o semitismo, lançando mão dos seus processos atavicos e habituaes, luctou pela defeza dos seus interesses, contrariando o germanismo, cujos propositos eram necessariamente oppositos. Até que este, usando, egualmente, dos seus processos habituaes e atavicos, conseguiu se impor, fazer-se senhor do terreno, e procura, agora, exterminar o inimigo. Nos judeus reviveram a astucia, o genio da pré-gação, a tenacidade da lucta desarmada, o fanatismo theorico, a mobilisação economica e financeira, o internacionalismo. E, a partir do fim da guerra, conduziram a Allemanha para a revolução democratica-socialista internacional. Porém, desde ha alguns annos, a nação allemã desperta do somno da derrota

e resurge no seu solidarismo ancestral, combativo e tragico. E' o "furor teutonicus", de que já falavam os romanos. E a moderna Germania mobilisa, então, a sua disciplina espantosa, o seu impeto bellico, o seu gosto do sangue, o seu abrasado ardor nacionalista. E crystallisa-se em torno do demagogo austriaco e dos louros barões prussianos, apoiados, todos, no espirito militar, representado no presidente nonagenario, figura semi-legendaria de velho heroe teutonico. A elles adhere a mocidade, possuida de zelo mystico.

Contra os devaneios do materialismo historico, da lucta de classes, das outras theorias, movimenta-se a unica materia palpavel, o unico facto que se faz sentir: a nação, no seu desesperado esforço contra a dissolução e a morte. Não havia panorama marxista mais completo, mais acabado, do que aquelle que nos offerecia a Allemanha de 1933. Crise financeira e economica catastrophica. Milhões aterradores de desempregados. Um proletariado que apparece, talvez, como o mais avançado, o mais esclarecido do mun-

do. Uma serie de governos desmoralizados, e o descontentamento, cada vez maior, das massas, pela ameaça armamentista dos paises visinhos. E, como é indispensavel, um partido communista experiente, tactico, poderoso, com milhões de adeptos. Porque não se desenvolveu o processo até as suas ultimas etapas indicadas, com a insurreição e a dictadura do proletariado? Ouçamos todas as explicações, que todas são insubsistentes. Foi a nação que resurgiu, na vespera da catastrophe, encarnada no primeiro homem, no primeiro grupo de homens que pareciam dispostos a lutar até o fim, por ella. Mais uma vez, o facto-nação, contra as theorias do povo internacional.

Dahi o erro em que incorrem aquelles que se espantam com a fulminante derrocada do espirito republicano, na Allemanha. Estão encarando o assumpto sob um angulo falso. Não houve, propriamente, modificação na psychologia politica do povo allemão. O que houve foi o restabelecimento da supremacia deste, da victoria das suas inclinações, dos seus gostos, da sua verdade histo-

rica, emfim, contra um regimen alienigena, que collidia com as tradições da sua formação, e que lhe tinha sido imposto pela prodigiosa actividade intellectual e politica de uma raça extranha: os judeus.

Por isso a republica de Weimar ruiu fragorosamente, com uma facilidade surpreendente, em face do mundo attonito. E sobre os seus escombros um homem, que, apenas ha um anno, era objecto de chacota dentro e fóra da Allemanha, levanta-se vingadoramente, empunhando o gladio da reacção.

Este facto, apparentemente inexplicavel, ou summaria e grosseiramente explicado como obra transitoria do accaso, tem, na verdade, como todos os episodios historicos, uma origem profunda e real.

E esta origem, no caso que examinamos, é a mesma que procuramos applicar á interpretação da Revolução Franceza. E' a resistencia inevitavel do centralismo nacionalista, em movimento contra a dispersão internacionalista dos judeus. Porque desabou a construcção theorica de Weimar? Porque estava em desaccordo com o espirito germani-

co, porque a republica de 1918 não era uma republica allemã: era obra do socialismo judeu.

Não é apenas a interpretação authentica, mas, talvez, apaixonada de Adolf Hitler, na sua autobiographia (14), que assim comprehende o phenomeno social-democrata.

A partir do segundo anno da guerra já os "leaders" judeus da social-democracia começavam a campanha derrotista, sob o pretexto de que a victoria allemã só viria fortalecer o poder das classes dominantes e, portanto, accentuar o esmagamento do proletariado. Esta propaganda dissolvente, si não concorreu, talvez, para desmoralisar a resistencia e apressar a derrota, exerceu, indubitavelmente, decisiva influencia no surto da idéa republicana e na queda da monarquia, que era o systema de governo tradicionalmente germanico, desde as invasões barbaras, contra o Imperio Romano. E a republica socialista, como regimen postico, imposto ao Estado allemão, foi dominada desde logo

---

(14) Adolf Hitler, "Mein Kampf". Verlag Franz Eher, 1932. Erster Band 54-70.



pela raça alienígena, que usurpou o poder instaurado por tal regimen. Desde o Tratado de Versailles já se vislumbra a predominância inequívoca do judaísmo, nas negociações allemãs da politica internacional. O illustre Rathenau, mais tarde caçado a bala na rua, era judeu. E judeu o outro plenipotenciario que com elle assignou a “vergonha de 1918”, segundo a expressão actual dos nazzis. O governo republicano que se apoderou do poder depois da fuga vergonhosa do Hohenzollern e dos seus primos assustadiços, que reinavam nos differentes Estados da Confederação, era igualmente composto quasi que exclusivamente de judeus.

Sinão vejamos: no gabinete que succedeu ao governo imperial os judeus Haase e Kautsky dirigiam o Ministerio do Exterior, os judeus Shifer e Bernstein dispunham do Ministerio da Fazenda, os judeus Preuss e Freund occupavam o Ministerio do Interior, e, finalmente, o judeu Cohen era o chefe do serviço official de informações. Na Prussia os judeus Hirsch e Rosenfeld occupavam, respectivamente, as pastas do Interior e da

Justiça. A da Fazenda ficou nas mãos do judeu Simon. A directoria do ensino prussiano coube aos judeus Futran e Arnat, sendo que aquelle era russo de nascimento. Nas chefias dos departamentos das Colonias e das Letras e Artes se installaram os judeus Meyer e Kastenbergr. Na pasta da Alimentação o judeu Wurm, na pasta do Fomento os judeus Hirsch e Stadthagem. O novo aparelho do Conselho de Operarios e Soldados, (reminiscencia sovietica), era chefiado pelo judeu Cohen, e nelle desempenhavam altos cargos mais treze judeus. Os chefes de policia em Berlim, Frankfort e Essen eram os judeus Ernst, Sinzheimer e Levy. O presidente do Estado da Baviera era o judeu Eisner, e o seu ministro da Fazenda, o judeu Jaffe. Nesse grande Estado da Confederação Alemã, o judeu Brentano controlava oficialmente a industria, commercio e transportes. Além disso, no Estado de Hesse governava o judeu Fulda. Isto para só falar nos postos mais elevados da administração. (15)

---

(15) Henry Ford, "O judeu internacional". Tr. port. Ed. Globo, Porto Alegre, pgs. 26-27.

O povo allemão estava, pois, governado por uma raça extranha que não soffria a influencia millenaria do seu sólo, das suas tradições, do seu sangue. Compreende-se, por isso, a razão de certas aventuras mais ou menos obscuras de após guerra, e a furiosa reacção que ellas levantaram. Uma das mais typicas é a tentativa de desmembramento da Rhenania, afagada e promovida pelo odio gaulez de Poincaré e de Mangin. Quem a estudar a serio verá que foi um movimento judeu, suffocado, ainda em germen, pela reacção nacionalista germanica, então tambem incipiente, de uma maneira tragica.

A secessão foi iniciada pelo partido judeu, dos social-democratas, em 1918, e terminada, dramaticamente, com a reacção popular de Pirmasens, em 1924, onde os allemães, amotinados, massacraram, de modo selvagem, os autonomistas, refugiados na casa do governo, sob a chefia symbolica do judeu Schwab. (16) Em episodios dessa or-

---

(16) Georges Clemenceau, "Grandeurs et misères d'une victoire". Ed. Plon, Paris, 1930, pgs. 171-198.

dem os chefes são sempre os Schwab, os Bernstein, os Levy, os Cohen... Enfim, em todos os paizes, os mesmos escoteiros da raça eleita.

Este impulso de dissolução da unidade nacional, e a violenta repressão germanica, eram prenuncio do entrechoque de larga envergadura, das duas mesmas tendencias, que se ia desenrolar depois, por annos successivos, até o desenlace final que occorreu, em 1933, sob os nossos olhos. O Estado allemão procuraria, dahi por deante, no meio da miseria e do sangue, chegar, convulsionadamente, á sua expressão verdadeira, plasma-da sobre a nação allemã. Os admiraveis esforços de Stresseman, no sentido de fortalecer o regimen republicano por uma applicação sabia do internacionalismo pacifista, não poderiam subsistir. Porque a verdade é que os Estados não se formam de fóra para dentro, ao accaso das conversas diplomaticas, das conferencias e dos pactos inoperantes, como o de Locarno. Para assegurar a solidez do arcabouço do Estado, é necessaria a colaboração fundamental da nação, que se pro-

cessa, primordialmente, numa directriz francamente anti-internacional. Depois que a nação se organisa solidamente em Estado, adquirindo expressão politica, depois que ella está ligada a elle por vinculos indissoluveis, é que este Estado pode iniciar um movimento de approximação com outros, no intuito de defender os interesses superiores da nação que elle representa, e que estejam localisados no plano internacional. Os judeus da Allemanha republicana não poderiam, porém, por fatalidade ethnica, comprehender esta verdade primaria. Por isso a tendencia socialista e a inclinação internacionalista, proprias da raça, levaram-nos a uma obra de esquecimento da verdade nacional, em busca do sonho de além-fronteiras. Obra que redundaria num processo alarmante de dispersão e de desagregação. No momento, porém, em que o Estado debil se desfazia, se afundava na irreabilidade da sua constituição, a nação reagiu, desesperadamente, para não morrer. Qualquer pretexto lhe serviria então, qualquer mytho lhe seria sufficiente. Neste instante decisivo appareceu um homem, egual

a tantos outros homens, sem relevo especial, sem genio, sem particular grandeza. Um patriota fanatico, bravo, sincero, gritador. E em torno de Adolf Hitler o movimento espontaneo se agrupou invencivelmente.

A revolução allemã, portanto, internacionalista no seu periodo incipiente, intellectual, hebraico, soffreu o brusco golpe de leme para a direita, na sua segunda etapa pragmatica e nacional.

E fiquemos certos de que a acção dos homens ou das suas theorias pouco influiu no desenvolvimento deste processo inevitavel, desta reacção organica da Historia.

Poder-se-á dizer que cito apenas revoluções fascistas, (17) reacções da direita, previstas por Marx, e inevitaveis no desenvolvimento da luta de classes.

Para revidar esta observação, apparentemente valiosa, vou proceder ao mesmo exame, chegando ao mesmo resultado e, portanto, á mesma prova, no processo da revolução russa.

---

(17) De facto pode-se considerar Napoleão como um grande fascista. O maior, talvez, dos fascistas da Historia. O segundo, depois d'elle, é Julio Cesar.

#### 4 — O *internacionalismo judeu e a revolução russa*

Este será o ponto capital da exposição que aqui esboço, e que não pretendo desenvolver cabalmente, segundo permitem as amplas possibilidades do assumpto, porque tal desenvolvimento seria de molde a proporcionar a confecção de um outro livro. E', mesmo, terrível, o esforço de coordenação, de equilibrio, que se torna necessario na elaboração de um estudo qualquer. Torna-se indispensavel, a cada passo, cortar, supprimir, abandonar, resumir. Simples episodios demonstrativos, que servem, apenas, de apoio ao desenvolvimento da these sustentada, assumem, por vezes, character tão apaixonante, que quasi se transformam no nucleo central do trabalho. Eu, porém, resisto á fascinação

do assumpto. Deixo a outro, ou a mim mesmo, em outra oportunidade, o dever de explicar a contento este problema.

O reconhecimento da fundamental influencia dos judeus no advento da revolução marxista russa é, hoje, uma dessas aquisições da Historia, uma dessas imposições da observação, que não dão mais logar a discussões originaes. Tão glosada e tão revolvida tem sido esta influencia, em obras de todos os calibres, de todos os generos, de todos os valores, e de todas as finalidades. E', mesmo, raro, que qualquer escripto sobre a Russia, que não seja trabalho de pura propaganda official, e que possua, portanto, pretensões a visadas criticas, deixe de consignar a sedicã observação, deixe de bater a tecla monotona.

Comprehende-se, pois, que, por elementar sentido de oportunidade, se abstenha este pequeno ensaio, preocupado em não se alongar excessivamente, de repetir fielmente o que já tem sido tantas vezes escripto e repetido. E' preferível abordar o assumpto sob um ponto de vista mais geral, procurando,



antes, explicar, na medida do possível, as suas causas determinantes.

As duas causas mais importantes da participação activa dos judeus russos na obra de criação do ambiente revolucionario, e nos actos preparatorios e executorios da insurreição, parece-me que se ligam, uma á formação especial da psychologia hebraica, tantas vezes já alludida no decurso destas paginas, e outra ás condições particulares da organização social russa, e do seu reflexo sobre a vida dos judeus.

Não nos devemos esquecer, com effeito. que o judeu era, na Russia, o que é em toda parte: mystico e pragmatico, com fundo revolucionario. Desejoso, portanto, de *praticar a sua mystica*, (sempre theorica e politica, isto é, *historica*,) por intermedio da Revolução. Ora, a Russia era um campo singularmente favoravel, em excepçionaes condições de receptividade, para o desenvolvimento dessas actividades, que são como um destino da raça.

E isto pela situação de absoluta inferio-

ridade social em que viviam, no grande imperio tzarista, os subditos da raça judia.

De facto a Russia era, talvez, o paiz do mundo, em que a situação dos judeus se mostrava mais precaria.

Sem prestigio social, encontrando em toda parte humilhações e desprezo, via o judeu russo fechadas as portas das profissões tranquillas ou rendosas da burguezia e da nobreza. A burocracia monopolizada pelos cortesãos feudaes, ou pelos seus adherentes e protegidos, entre os quaes raramente se encontravam judeus. A carreira das armas quasi que destinada exclusivamente á nobreza e á alta burguezia, sendo que ambas, por incompetencia e corrupção, não souberam formar, do colossal exercito, um organismo capaz de resistir á penetração das doutrinas dissolventes, nelle infiltradas pela intellectualidade revolucionaria judia. A vida do campo, sobre se revestir dos aspectos tradicionais e particulares, na civilização slava, da grande propriedade semi-communal, e do regimen de trabalho semi-servil, inteiramente extranhos á indole hebraica, personalista e

orgulhosa, nunca interessou, realmente, aos filhos de Israel. O judeu é raramente camponez, já ficou dito, sobretudo nesses ultimos millenios que se seguiram á sua servidão e ao seu desligamento do sólo. Expulso da vida social e das suas facilidades, mal acceito na burocracia, repellido no exercito, impossibilitado, pelo regimen agrario e pelos sentimentos atavicos, de trabalhar no campo, via, ainda por cima, o judeu, a impossibilidade de intervir, com successo, dentro da Russia, na actividade que representa, nos outros paizes, a alavanca irresistivel do seu poder: a actividade financeira. E isto pela razão muito simples de que a Russia era um paiz financeiramente muito pobre, quasi miseravel.

A Russia era, como ainda é, dona do territorio mais rico do mundo, porque reúne, dentro das fronteiras de um mesmo Estado, todas as terras e todos os climas do planeta, desde as regiões sub-tropicaes do sul do Caucaso, até ás panicies geladas e ás glaciaes florestas aterradoras da zona boreal e sub-arctica.

Entretanto, essa espantosa extensão,

essa assombrosa riqueza, nunca foram convenientemente exploradas, nem tiveram os seus valores satisfactoriamente postos em evidencia. A Russia imperial era, como o Brasil, um colosso de desorganisação. E muito mais do que o Brasil, porque a sua população, quasi tres vezes maior, formada de numerosas raças, differentes e inassimilaveis, trazia á tona, como facilmente se pode imaginar, complicações quasi desanimadoras para os governos. A desorganisação administrativa, ligada á desordem economica, é que creavam um estado permanente de penuria financeira, de debilidade infantil no organismo daquelle gigantesco Estado, que nunca chegou a conquistar sua autonomia completa. A Russia nunca chegou a se constituir num regimen capitalista. Quando os bolchevistas falavam do capitalismo russo, usavam de um euphemismo, de uma metaphora revolucionaria, para indicar um Estado burguez, inimigo e feudal, mas não capitalista, no sentido technico da expressão.

E isto pela simples razão de que a Russia não possuia capitaes, não possuia dinhei-

ro seu. Todo o capital empregado na Russia, (como acontece no Brasil), era de origem estrangeira, e vinha invertido por meio de empréstimos directos, ou de privilegios e concessões. Esses empréstimos, porém, em virtude da independencia politica do paiz, eram empregados, pelos seus inescrupulosos dirigentes, em obras sumptuarias, ruinosas ou improductivas, ou malbaratados em negociatas e applicações suspeitas, fontes do enriquecimento illicito e vertiginoso dos grãosenhores, que iam repor o dinheiro, assim obtido, nas roletas de Monte-Carlo ou nos prostibulos elegantes de Paris...

Nas melhores hypotheses o dinheiro era empregado (como costuma se dar no Brasil), na compra de mercadorias de toda a ordem, produzidas pelas industrias dos proprios paizes prestamistas, e que raramente tinham uma applicação compensadora ou productiva.

E aos empréstimos se succediam os empréstimos, aos monopolios os monopolios, ás concessões as concessões. O circulo vicioso do credito, fundado nas inexgotaveis possi-

bilidades economicas, e no vigor sempre crescente da vida vegetativa do paiz, se alargava mais e mais, dando a impressão de uma prosperidade financeira que não existia.

Esta ligeira divagação é util para indicar a posição do judeu russo no meio desse vae e vem de ouro, do qual elle não participava, salvo um ou outro caso excepcional e individualisavel.

O judeu russo via o dinheiro vir das mãos dos seus irmãos estrangeiros, os Rothschild, francezes e inglezes, e outros banqueiros sionistas, para as mãos da nobreza e da burguezia russas donas da administração. Dahi voltava em forma de saques, compras, fornecimentos, beneficios de empresas, pagamentos de serviços, juros de titulos, rendas de toda a ordem, para as mesmas mãos de onde tinha sahido anteriormente, isto é, as do banqueiro judeu, e as do pequeno burguez occidental, que vivia do seu pé de meia, mobilisado pelo dito banqueiro. De onde tornava á Russia sob a forma de novos emprestimos, ou novas inversões.

Sendo a Russia, entretanto, um paiz re-

tardatario, onde a justiça legal era uma inexistencia, onde a igualdade dos cidadãos era um mytho, e onde a organização financeira era uma pilheria, está claro que o judeu russo se via sempre afastado, pelo desprezo e odiosidade que lhe votavam, dessas actividades lucrativas, que não tinham nenhuma base nacional. E não encontrava recurso para onde appellar.

Dahi o seu estado permanente de descontentamento e miserabilidade, e a sua inclinação pela unica actividade que não lhe poderia ser negada, e que lhe era deixada, ao contrario, livre, porque não era considerada como digna de importancia: a actividade intellectual.

Ora, a actividade intellectual de um judeu pobre é inevitavelmente revolucionaria. A de muitos judeus pobres, a de uma nação de judeus pobres, como era o caso russo, era, então, a propria Revolução em marcha. (18)

---

(18) Fazendo esta synthetica exposição, de caracter geral, sobre a situação do judeu russo, é evidente que me localiso num ponto de vista igualmente geral e synthetico. Está claro que havia muitos individuos

Ninguém, de mediano senso critico, poderá considerar, sem sorrir, a fabula, creada em varios paizes, taes como a Allemanha e Estados Unidos, segundo a qual a revolução bolchevista representa, sómente, uma manifestação local do grande processo historico universal da sujeição do mundo pela raça hebraica. Taes ballelas, proprias para embalar a ignorancia e a credulidade das massas, apresentam-se como expressões as mais vulgares de propaganda anti-marxista, e, ás vezes, como pretexto para realizações de planos arriscados de politica interna e de repressão anti-semita. Não resistem a um desapaixonado debate, nem merecem a consideração de um exame aprofundado.

Considero as pretensas machinações cavilosas dos quinze milhões de judeus do mundo, e as suas actividades secretas, maçonicas,

---

judeus (como aquelle celebre joalheiro que privou na intimidade da imperatriz), que possuiam situação de destaque. *Mas estes, como é tambem claro, não eram revolucionarios.* Ao contrario, eram conservadores como qualquer Rotschild. E' inutil vir alguem contradizer-me com um nome ou uma duzia de nomes. O sentido geral da situação, encarada sob um prisma historico, era o que indiquei.



para dominarem a humanidade e restabelecerem Israel no posto de conductor dos homens, atravez do bolchevismo, como assumpto de romance popular, indigno de um certo plano de raciocinio.

Mas não se pode negar, entretanto, que, sem nenhum proposito politico de hegemonia racial, *mas seguindo involuntaria e inconscientemente os pendores atavicos da raça*, os judeus tenham firmado doutrinariamente o marxismo, e tenham collaborado resolutamente na primeira revolução que tentou praticar a doutrina firmada.

Doutrinariamente o marxismo não poderia deixar de ser judeu. E' evidentemente indissolúvel a ligação da mentalidade marxista com o destino judaico.

Só um judeu teria genio e habilidade sufficientes para crear uma nova religião, *uma nova tentativa de moralisação da Historia Universal*, por meio da Economia. Marx si não fosse judeu não seria Marx, isto é, não seria capaz de crear o marxismo. Nada falta ao seu novo Evangelho, em comparação com o primeiro. Elle é socialista, egualitario

e internacionalista, como o outro. Como o outro é prophético, tragico, apocalypticó. Como o outro creou, entretanto, a sua aristocracia de eleitos, os seus bemaventurados, os proletarios soffredores. Apenas, emquanto a moralisação mystica, que o primeiro desejava fazer da Historia, se exprimia pela reforma da alma eterna, e tendia, portanto, para um premio localizado num tempo em que só a alma existisse, fóra do mundo terreno, a moralisação politica, a que o segundo tenciona, tambem, sujeitar a Historia, *se expressa pela reforma da vida*, que não é eterna, tendendo, portanto, para a obtenção do premio final *dentro do mundo em que a vida se desenvolve* (19).

---

(19) Rapazes, eu raramente me tenho sentido tão tucido e tão sincero como no momento em que escrevo estas linhas. A maior, a unica difficuldade que me preoccupa, é a de poder exprimir satisfactoriamente o que estou pensando. Verifico que a minha penna aflora o assumpto, mas resvala, insegura. Que a idéa perde a nitidez primaria e se esbate em contornos esfumados e ambiguos, quando transposta para o papel. Eu desejaria deixar bem claro, não apenas o que estou pensando, mas tambem o que não estou pensando, e de uma só vez. Desejaria poder excluir da forma do meu pensamento, todas as interpretações que não condizem com a sua essencia. E é isto o mais difficil de conseguir.

Esta reforma da vida, para ser completa, só se poderia verificar, contudo, num plano internacional, pois que a vida do homem independe das nações em que elle viva. Era, pois, necessario, para confirmar a theoria, crear a ficção, de que em todas as nações só havia dois grupos de homens que viviam sómente duas especies de vida: os exploradores e os explorados. Esta formula simplista, apresentava uma solução ainda mais simples: o aniquilamento de um desses grupos e o desaparecimento de uma dessas formas de viver. Nova feição historica do internacionalismo judeu de Rousseau. Que viria, entre-

---

Ponhamos, pois, em evidencia especial, uma das coisas em que não estou pensando: a opposição, a hostilidade ao Christianismo ou ao Marxismo.

Quero dizer, com isto, que não discuto nem nego a verdade, ou as verdades que um e outro encerram, ou pretendem encerrar. Pode ser que ambos tenham razão, que a alma humana precise ser transformada, para a sua salvação, e que a vida humana precise ser transformada, para a sua justiça. Colloco-me, mesmo, no ponto de vista contradictorio de esperar por ambas as transformações, de esperar desesperadamente, como diz André Gide. Quem não esperaria pela realização das formulas capazes de trazer a salvação da alma e a justiça da vida? Estou, no caso, porém, apenas, analysando, com a fria indiferença da razão, um facto historico: *a influencia judia nas ideologias internacionalistas*. E deste plano não desejo me afastar.

tanto, esbarrar na mesma barreira: o facto nacional, que é a forma de adaptação da vida animal do homem ao seu destino social.

Quando o judeu Engels diz que “o anti-semitismo é o socialismo dos imbecis”, elle procura esmagar, na violencia de uma formula synthetica e sem base, uma discussão, que sente perigosa e difficil. O espirito tímido se afasta e se acovarda deante de tão desenvolta convicção do mestre marxista, incomparavel pela sua tenacidade e pela sua probidade. Mas a verdade, que os fortes encaram face a face, é que o judeu Engels, companheiro do judeu Marx, marxista da primeira geração, apostolo da nova crença, que foi para Marx o que Frei Leão foi para S. Francisco de Assis, comprehendia, desde logo, que o sentimento nacionalista. (que elle chama anti-semita), era o grande adversario a combater. No fundo, o que elle procurava com aquella phrase aterradora e emphatica, (e ella propria profundamente idiota), era dizer: o anti-semitismo é o nacionalismo, e o nacionalismo é o anti-marxismo.

Mas o nacionalismo não é, primordial-

mente, uma doutrina; é um facto sentimental. E' uma formação, da qual está isento o judeu, que nunca o poderá compreender, a não ser num outro plano. E este plano, sem paradoxo, é o internacionalismo. O nacionalismo do judeu é internacionalista, *porque a sua nação é internacional*. Dahi o facto dos doutrinadores do internacionalismo serem sempre, ou quasi sempre, judeus. Repito o que disse ha pouco, isto é, que esses doutrinadores não são levados conscientemente pelo desejo de estabelecerem a hegemonia racial da sua nação. Esta tolice fica, ainda, com os barbudos e lamentosos crentes do Muro das Lamentações, que não exercem nenhuma acção politica. Os internacionalistas são levados, inconscientemente, ás convicções que professam, pela voz obscura do sangue, que determina os movimentos da vocação ou da eleição do espirito; pela penumbra creadora do sub-consciente, que fornece alimento á estreita restea luminosa da razão, na fixação das suas directrizes. *Elles escolhem a doutrina que condiz com o seu sentimento*, e que lhes apparece verdadeira como a propria ver-

dade, clara como a propria claridade. E', portanto, naturalissimo, reciprocamente, que os homens que tenham moldado as suas almas na influencia da terra, do sólo, que os judeus não conhecem, que tenham na massa do seu sangue, nas profundezas do seu instincto, o sentimento enraizado que a terra exprime e imprime, repillam a doutrina que não condiga com esse sentimento.

Chamar essa attitude de hypocrisia, é um argumento imbecil, de apaixonado *propagandista politico*, e não de um verdadeiro doutrinador scientifico. O proprio Marx, com todo o seu grande genio, e toda a sua admiravel e pura fé revolucionaria, não escapou a essa fraqueza. Chamava de insincero um sentimento, *porque o não comprehendia*, e o não comprehendia *porque o não poderia sentir*. Os seus discipulos, maiores ou menores, não têm feito senão repetir as suas palavras. Mas não nos devemos esquecer que em Marx, além do fundador da nova Economia, havia, tambem, o violento *propagandista politico*, que nem sempre escolhia o ca-

minho mais sereno ou mais liso para attingir os seus fins (20).

Os mestres do internacionalismo revolucionario, sejam elles marxistas puros, ou os “cães renegados” reformistas (como diz Trotsky), sejam elles da Primeira, da Segunda ou da Terceira Internacionaes, sejam elles antigos ou recentes, allemães, húngaros ou russos, são sempre judeus. Judeus Marx, Lasalle, Haase, dentre os fundadores. Judeus Bernstein, Kautsky, os dois Adler, dentre os reformistas. Judeus Trotsky (seu nome é Braunstein,) Zinovieff, (seu nome é Apfelbaum), Bela Kuhn, (seu nome é Cohen), Kerensky (seu nome é Adler), dentre os realisadores.

Isto é sabido, mais que sabido. Não insistamos, pois.

E Lenine? Eis a pergunta de sempre. E Lenine, o grande internacionalista, que não era judeu? O chefe, o guia, o conductor?

---

(20) Sombart, na “Introducção” do seu “Apogeu do Capitalismo” (Tr. fr., Paris, 1931), declara, mesmo, que uma das faces mais importantes do genio de Marx era a do propagandista politico. Talvez mais do que a do cientista.

Convenhamos em que Lenine não era judeu, apesar de certos autores pretenderem o contrario, com varios argumentos, tirados da sua familia, de alguns dos seus usos de vida, e actos de governo, e, sobretudo, do facto de ter escolhido para companheira uma mulher judia.

Convenhamos em que elle não era judeu. Mas seria elle, realmente, um internacionalista, ou teria, apenas, se aproveitado do internacionalismo, como arma, para chegar ao poder dentro da nação?

*Ahi está a verdadeira questão a debater.*

Evidentemente, não o poderei fazer, de forma completa e exhaustiva, nos estreitos limites que a questão occupa dentro deste pequeno ensaio. Para o completo esclarecimento do ponto em apreço, isto é, para a integral analyse historica do nacionalismo de Lenine, seria necessario um estudo consciencioso, fartamente documentado, vagarosamente amadurecido.

São numerosos os argumentos e as peças de convicção pró e contra a these. Quem conheça, ainda que summariamente, a histo-



dades, não teria surgido a oportunidade, milagrosa, para a pequena facção bolchevista, de empolgar o poder.

E' licito, portanto, sem imaginação nem temeridade, suppor que a ferrea decisão de Lenine, ao conduzir o seu partido na senda internacionalista do derrotismo, orientava-se, não na defeza platonica de um simples postulado doutrinario, mas no desejo, muito pratico, de seguir o unico caminho que entregasse, a elle e ao seu grupo, o *dominio nacional*, dentro da Russia.

Lenine, este "opportunista de genio", como o chamou Lunatcharsky, era perfeitamente homem para um golpe desses.

Deixemos, porém, de parte, a indagação das razões determinantes da sua attitude. Que elle tivesse, realmente, o desejo de provocar a revolução internacional proletaria, ou que o preocupasse, apenas, a idéa de se assenhorear do seu paiz, expulsando um governo fraco e uma casta odiada, isso não nos interessa, nem será, talvez, provavelmente, jamais, sufficientemente explicado.

Nem seria interessante proseguir, aqui,

ria da Revolução Russa, não pode ignorar o papel preponderante de Lenine, e a sua resistencia heroica na defeza do ideal internacionalista, na época immediatamente anterior e imediatamente posterior á Grande Guerra, quando muitos chefes socialistas se esqueceram desta pedra angular da construcção marxista, e correram ás armas, e á guarda das fronteiras.

Como é sabido, alguns dos mais puros marxistas, como Plekanoff, e, mesmo, alguns leninistas, inclinavam-se pela participação na guerra "imperialista". Lenine, porém, nos congressos realizados em pequenas aldeias suissas, defendeu, sempre, o principio puramente doutrinario do marxismo, isto é, a participação dos communistas na guerra, unicamente no objectivo derrotista da transformação da guerra externa em guerra civil, para facilitar a escalada do poder.

Os acontecimentos posteriores demonstraram que a razão estava com Wladimir Illitch. Sem a guerra não teria havido a revolução socialista de Kerensky. Sem a absurda pretensão deste, de continuar as hostili-

um debate já tantas vezes iniciado e encerrado sem successo.

O que convem é apreciar, ligeiramente, pelos actos posteriores, a conducta de Lenine, uma vez no governo.

E esta autorisa a affirmar que o campeão do internacionalismo, antes de Outubro, renegou abertamente a sua doutrina, sempre que ella lhe apparecia como um obstaculo aos seus designios de organização nacional.

Chegamos, assim, a uma conclusão intermediaria que me parece indiscutivel. Isto é, parece certo que, ainda que Lenine tenha sido um puro internacionalista doutrinario, e tenha acreditado, até Outubro, na inevitabilidade da revolução proletaria internacional, o facto é que o seu sangue de camponez russo depressa se adaptou á realidade nacional, e, uma vez no exercicio do poder, elle começou a dirigil-o, com proposito ou inconscientemente, num sentido nacional.

Todo o periodo do chamado “communismo de guerra” é uma época de luta civil *nacionalista* pela consolidação do partido bolchevista no poder.

A formidável e victoriosa resistencia que os exercitos vermelhos offereceram á invasão estrangeira e á defecção interna dos brancos, apresenta ao mundo *um espectáculo semelhante ao que repetiram, mais tarde, os nacionalistas turcos de Mustapha Kemal, igualmente victoriosos, depois de aspera lucta, em que levaram de vencida as tropas de occupação dos Estados imperialistas, e os elementos nacionaes que apoiavam essa intervenção estrangeira.*

Foi a mesma guerra desesperada pela “liberdade nacional”, que se traduz, no fundo, por um esforço sem treguas de um partido, ou de uma facção, afim de se firmar no poder *em seu paiz*. O resto do mundo como que desaparece, para os homens lançados neste drama.

Na Russia o poder competiu a uma aristocracia proletaria intellectual, a uma especie de nobreza da plebe. Na Turquia a uma facção nova e exaltada do exercito e da burguezia.

Dois aspectos differentes, duas expressões distinctas, de um mesmo movimento na-

cionalista. As forças expressivas e dominantes das duas nações eram distintas. O movimento, porém, que as impellia, era identico. Até nos seus symbolismos politicos se assemelham. (21)

Os turcos, querendo marcar bem o sentido do seu regresso ao espirito ottomano, asiatico, adoptaram para a capital do novo Estado a cidade asiatica de Angora, centro de irradiação moral e resistencia politica do movimento nacionalista, iniciado na Anatólia, e que deveria culminar com a queda da Sublime Porta e a fuga vergonhosa do ultimo representante da casa de Osman. Assim, tambem, os russos, marcando bem o senti-

---

(21) Aliás, é sabido que os soviets auxiliaram, abertamente, os nacionalistas de Kemal Pacha, fornecendo-lhes munições e armas, nas luctas que sustentaram, na Anatólia, contra os gregos, apoiados pela Inglaterra, que ambicionava a posse de Constantinopla. (V. Paul Gentizon, "Mustapha Kemal ou L'Orient en Marche". Ed. Bossard, Paris, 1929.) Uma prova concreta do interesse dos bolchevistas pela Revolução Turca, é que, no Programma da Terceira Internacional, a Revolução da Turquia é citada como uma das consequências da "influencia immediata da Revolução Proletaria de Outubro..." (Programma e Estatutos da Communista Internacional", pg. 13. A Internacional Editora, Rio, 1933.)

mento slavo, moscovita, que os anima, largaram a orgulhosa cidade de Pedro o Grande, e os seus brilhos cosmopolitas, para se firmarem em Moscou, a santa, a mysteriosa, a velha cidade russa, que já mostrou a Napoleão toda a tragica resistencia que o slavismo pode offerecer á imprudencia das pretensões occidentaes....

Esta identidade de acções é profundamente significativa, e indicativa de segura identidade de intenções.

E o internacionalista Lenine foi “magna pars” em todo o periodo nacionalista do “communismo de guerra” e foi autor da “Nep”, esta forma nacional e pequeno-burgueza da adaptação do marxismo á realidade russa.

Lenine morreu antes de poder precisar, com segurança, as suas tendencias. A evolução dellas mostra, porém, de sobejo, a direcção para onde se inclinavam.

Deixemos, pois, o “grande realista”, cuja adaptação progressiva ás maiores de todas as realidades que são o sangue e a terra, vem sendo explorada e commentada pelos

seus innumerous biographos, e continuemos o rapido exame, que vimos fazendo, da evolução do nacionalismo na Russia, no periodo que comprehende a actuação da Terceira Internacional depois de Lenine.

Essas ultimas palavras quasi que reproduzem o titulo de um livro de Trotsky, em grande parte dedicado ao assumpto. (22)

Neste trabalho, e em outro libello, não menos famoso (23), o grande tactico da Revolução expõe longamente e exhaustivamente o character absolutamente anti-marxista da theoria da edificação do socialismo num só paiz. A esta theoria oppõe elle a formula classica do internacionalismo revolucionario, que se exprime, no ponto de vista da acção politica, pela linha de conducta que elle chama "revolução permanente". Esta polemica já famosa, e, tambem, bastante fastidiosa, tem, comtudo, o merito de esclarecer o intellectual desapaixonado, que olhe a situação

---

(22) "L'Internationale Communiste après Lénine". Ed. Rieder, Paris, 1930.

(23) "La Révolution défigurée". Ed. Rieder, Paris, 1929.

sem ponto de vista pre-estabelecido, no simples e honesto desejo de comprehender.

A longa e habil argumentação de Trotsky, mostra que com elle está a razão, no ponto de vista theorico. Mas a acção e o programma da facção de Staline, mostram que com este se encontra a razão, no ponto de vista pratico.

A luta sem solução entre a idéa da revolução permanente e a idéa do socialismo nacional, é symbolica e exhibe ao mundo, com deslumbrante claridade, a verdade eterna da opposição entre as tendencias das raças que soffrem a acção da terra, e nella formam o seu sangue, e da raça que se desligou do sólo, e que passeia o sangue inquieto através dos continentes. Staline, o georgiano sombrio e fanatico, synthetisa a alma do povo russo. Trotsky, o demagogo internacional, resume a alma do povo judeu.

E' inutil tentar uma approximação entre elles, nesse ponto da discussão. Nunca se entenderiam, porque sentem a questão de modo differente. As suas formações psychologicas são diversas, as suas influencias ata-



vicas contrárias. E o pensamento não é simplesmente o resultado final dessas formações e dessas influencias, trabalhadas pelos elementos *transformaveis* do meio e da cultura. Que a razão humana nada tem de autonoma, é hoje um quasi truismo repetir-se. Que as doutrinas ou idéas que ella abraça ou emite, são consequencias forçadas desses dados que sobre ella actuam, parece, tambem, ponto de impossivel controversia.

Portanto, que o judeu Trotsky não entenda a Revolução a não ser no plano internacional em que a collocou o judeu Marx, não é de se admirar. Como, tambem, não é surpresa que o russo Staline procure todos os pretextos, todas as possibilidades de adaptação, para amoldal-a á forma da terra em que nasceu e do povo de que traz o sangue nas veias. Para continuar, afinal de contas, a obra iniciada pelo russo Lenine.

E as duas tendencias inconciliaveis, as duas raças, seguindo obscuramente os seus destinos, chocam-se, externamente, em theorias, que são puras explicações cerebrinas das realidades ineluctaveis do sangue.

Os judeus, negando furiosamente a influencia do elemento raça, na evolução da Historia Universal, tal como faz o judaismo marxista, *estão, implicitamente, confirmando, de forma total, a idéa que pretendem combater. Porque o internacionalismo pelo qual se batem, é, precisamente, a contribuição forçada, imperativa, fundamental da raça judia para a historia das ideologias politicas do mundo.* Assim o proprio vigor e a incansavel bravura, com que defendem, atravez de todas as ideologias, a mesma e millenaria tendencia internacionalista de Israel, (internacionalismo da Igreja, da Democracia, do Marxismo, etc.) são provas do facto que elles procuram aniquilar: isto é, que cada raça é guiada, atravez de todas as vicissitudes, pela voz implacavel do seu sangue. E a voz do sangue opprimido de Israel não pode deixar de clamar pelo desmoronamento dos Estados nacionaes, dentro dos quaes se encontra elle disperso e suffocado.

Esta necessidade atavica adopta as formulas que condigam com o momento historico em que ella procura se expressar.

Na antiguidade foi mystica e religiosa. Nos tempos modernos é politica, ainda que conservando o mysticismo, peculiar ao genio judeu, e a expressão revolucionaria intellectual, tambem propria da raça.

Mas, a cada etapa historica, o profundo e obscuro sentimento das nações que não são “magicas”, das nações que não planam sobre a terra, nas alturas rarefeitas das crenças, reagem contra a insidia tentadora e dissolvente.

Foi assim que a Igreja, depois do crepusculo romano, não conseguiu impor o poder politico, a não ser numa especie de Super-Estado, de Estado Espiritual, sujeito, aqui e alli, ás influencias ethnicas locais. E mesmo esse prestigio temporal do papado, a principio tão grande, vae diminuindo, á proporção que se apura e crystallisa, nos Estados feudaes, que emergem do chaos informe do periodo anti-nacionalista, o sentimento e a consciencia do nacionalismo, *expressa pelo reconhecimento, fixação e aproveitamento de uma certa terra, por um certo povo.*

As aggressões da nação internacional,

contra o sentimento dos povos nacionalistas, não cessam, todavia, nem cessarão, provavelmente, jamais. Apenas se modificam e assumem, em cada novo periodo, um aspecto que condiga com o momento historico. Não lhe faltam prophetas geniaes. O sopro demolidor, o accento incendiario, se transmite, como um fogo sagrado, de geração a geração. Inconscientemente, tendo em vista objectivos moraes, politicos, ou philosophicos, esses prophetas pensam, em cada seculo, renovar o mundo, quando estão, apenas, cumprindo o destino immutavel de Israel. De Rousseau a Marx, de Marx a Trotsky, a Historia se repete.

E as reacções se repetem, tambem, com impressionante pontualidade. Napoleão, Thiers, Staline: tres reaccionarios.

Será possivel que observadores desapaixonados não se convençam destas verdades luminosas? Será possivel que não enxerguem esses factos de perturbadora claridade?

Não alonguemos, porém, demasiadamente, as presentes considerações. Voltemos

ao exame directo do caso russo, que atraz ficou iniciado.

Assim, ficou dito ha pouco, que a lucta entre a theoria da “revolução permanente” e a theoria do “socialismo num só paiz” era a expressão doutrinaria da lucta, muito mais profunda, entre o internacionalismo judeu, (marxista), e o nacionalismo russo, (bolchevista).

Que Staline e seus amigos estão realizando uma obra de nacional-socialismo, não sou eu quem o diz. São todos os observadores que não pertencem á facção dominante dos “soviets” dentro da Russia ou ás suas filiaes assalariadas ou fanaticas do estrangeiro. Nem convem repetir aqui as opiniões dos numerosos escriptores que isto têm demonstrado irretorquivelmente. Seria um nunca acabar de impressões, que o grande publico já conhece, no todo ou em parte.

Limitemo-nos a recordar as opiniões de Trotsky sobre o assumpto, nas criticas que dirigiu ao programma da Terceira Internacional. Estas são as mais respeitaveis, não só por ter sido elle parte saliente na Revolução,

como por ser um comunista sincero, e insuspeito, pois, de propaganda burgueza.

Comecemos nos pontos em que elle estuda a origem do movimento do socialismo num só paiz (23). Este teve a sua primeira expressão num artigo intitulado o "Estado socialista isolado", do allemão Folmar ou Vollmar, (provavelmente Vollmar), em 1879 ou 1878. (Rév. Déf., pg. 119. Int. Com., pg. 137. Os dois livros de Trotsky accusam essas ligeiras differenças, na data do artigo e no nome do seu autor.)

Neste estudo já dizia Vollmar que "nas condições que prevalecem actualmente, e que conservarão sua força em todo o futuro previsivel, uma hypothese de victoria simultanea do socialismo em todos os paizes deve ser completamente excluida". E concluia: "chegaremos, assim, ao Estado socialista isolado

---

(23) Para não sobrecarregar estas paginas de pequenas notas elucidativas, citarei os dois livros de Trotsky abreviadamente, dentro do proprio texto, entre parenthesis, com a indicação do numero das paginas. Usarei as abreviações "Int. Com." e "Rév. Déf.", respectivamente por "L'Internationale Communiste après Lenine" e "La Révolution Défigurée".

que, si não é o unico possivel, é, pelo menos, aquelle que mais se pode esperar”.

Trotsky aproxima, com penetrante finura, os dois periodos historicos, o da theoria de Vollmar e o da theoria de Staline, para concluir que uma e outra são expressões de duas épocas de reacção. A Communa de Paris afogou-se no sangue em 1871, e a Revolução Mundial, tida como inevitavel e immediata, logo depois do golpe de Estado bolchevista, soffreu as rudes derrotas que precederam e deram, provavelmente, logar ao apparecimento da theoria (24).

Nessas duas occasiões, diz Trotsky, apparecem duas theorias reformistas e patriotas, que são duas expressões dos movimentos

---

(24) Estas derrotas successivas estão inscriptas no proprio programma da Terceira Internacional, embora ali figurem sob os rotulos optimistas de “abalo profundo do capitalismo mundial” e “agravação da lucta de classes”. São as seguintes as insophismaveis derrotas do internacionalismo: Janeiro, 1918, Finlandia; — Agosto, 1918, Japão; — Novembro, 1918, Austria e Allemanha; — Março, 1919, Hungria e Coréa; — Abril, 1919, Baviera; — Setembro, 1920, Italia; — Março, 1921, Allemanha; — Setembro, 1923, Bulgaria; — Outomno, 1923, Allemanha; — Dezembro 1923, Esthonia. (“Programma e Estatutos da Communista Internacional”, loc. cit.)

reaccionarios. Elle se engana, porém, quando suppõe que as theorias sejam em si as reacções. Ellas não representam sinão a expressão literaria, livresca, por assim dizer, da reacção que se opera invencivelmente no proprio seio da nação. E' uma lucha inevitavel de raça contra raça, de tendencia contra tendencia, de sentimento nacional contra sentimento internacional. Na Revolução Franceza expriu-se com Thermidor. Na Revolução Alle-mã iniciou-se com os massacres da Rhenania para culminar no delirio hitlerista, forma, tambem passageira, de exaltada reacção. E na Revolução Russa os judeus internaciona-listas são, mais uma vez, derrotados pelo nacional-socialismo de Staline.

Lenine, nos ultimos dias da sua vida, já tinha Staline como "evidentemente responsavel por toda esta campanha de verdadeiro nacionalismo russo" (Rév. Déf., pg. 91).

E "esta campanha", que culminaria na actual doutrina reformista e anti-marxista, é baseada na chamada "lei do desenvolvimento desigual" do capitalismo. Trotsky demonstra irretorquivelmente, nas suas duas



obras citadas, a falta de base com que os actuaes "epigonos" do marxismo filiam a sua indefensavel doutrina ás puras tradições classicas do mestre, por intermedio de uma lei que nada tem que ver com o caso em especie. Seria, porém, longo e fastidioso, reproduzir a aguda critica do velho judeu. Prefiro enviar os leitores directamente aos textos dos livros citados, e continuar, aqui, o exame da questão apenas no seu ponto de vista mais synthetico e mais geral. Mesmo porque, as doutrinas e theorias apenas apparecem como explicação das necessidades historicas imperativas. No caso aproveitou-se de uma lei para a criação de uma theoria, que deveria vir cohonestar a insopitavel guinada da revolução para o seu desenvolvimento na etapa nacional. Bonaparte tambem tinha as suas theorias sobre o Imperio. Hitler e Mussolini possuem, egualmente, as suas convicções doutrinarias sobre o fascismo. São as vozes das raças, as palavras das nações. Na Russia, o governo proletario, que se apoderou do poder atravez do marxismo, não poderia renegar de frente as licções marxistas, sem

comprometter gravemente a sua influencia na classe operaria internacional, que tão decisivo sustentaculo offerece á sua estabilidade, e sem abalar o seu prestigio junto ás massas socialistas nacionaes que, em virtude da propaganda de dezenas de annos, feita pelos intellectuaes revolucionarios, se habituaram a ver, no marxismo, o dogma intangivel, a unica especie possivel de doutrina politica, apta para a formação do Estado proletario socialista. Os actuaes detentores do poder, arrastados pelas duas tendencias contrarias: a da transformação nacionalista, *que deve soffrer a Revolução para se manter*, e a da obrigatoriedade da fidelidade ao dogma marxista, que prestigia a Revolução aos olhos do proletariado revolucionario internacional, cujo apoio lhes é indispensavel nos ataque que os Estados burguezes porventura planejem contra os "Soviets", são, assim, obrigados a se esforçar por todos os modos, na adaptação do nacionalismo ao marxismo. Eis, em poucas palavras, as causas que mantêm a unidade apparente e theorica do regimen que se pratica na Russia, com as

doutrinas de socialismo scientifico que os chefes russos dizem praticar.

Apoiemos, um pouco mais, dois elementos do raciocinio acima delineado.

Que a Revolução Bolchevista deve se encolher dentro dos limites nacionalistas, para se manter, parece indiscutivel, e os seus conductores, acceitando o facto inevitavel, deram, apenas, prova de sabedoria, prudencia e habilidade politica. E' o senso "opportunista", (no bom sentido), que Lunatcharsky indica como uma das qualidades mestras do genio de Lenine. Nem seria outra a attitude do "grande realista", caso vivesse ainda. Só o judeu Trotsky, ingenuo no fundo, romantico, prégador e apegado ás formulas geraes, como todos os grandes espiritos da sua raça, não percebe a evidencia desta verdade, e fica bracejando inutilmente sobre as ruínas do dogma puro, tal qual um velho rabino, que se revolta e impreca contra a impossibilidade da applicação, no mundo moderno, de todos os strictos preceitos talmudicos.

A revolução communista, tal como a democratica, em qualquer paiz que surja victo-

riosa e empolgue o poder, como já ficou dito no inicio deste estudo, tem que se processar, para manter-se, de accordo com a formação nacional do paiz em questão, abandonando as visadas hebraicas do internacionalismo. Socialismo? Sim, mas nacional-socialismo. O exemplo russo é frisante neste particular. Questão de nomes. Na Russia ella se prevaleceu das qualidades psychologicas do slavo, da sua tendencia ao mysticismo, do seu genio artistico, (propagandista), da sua resignação nos soffrimentos, da sua doçura nas provações, do seu orgulho, que o fez considerar-se a si mesmo como um povo messianico, iniciador de uma nova era e redemptor da Humanidade futura. E aproveitou, tambem, das suas tradições historicas, da sua formação collectivista, da sua falta de espirito individualista, dos seus habitos communaes, do seu pouco sentimento de propriedade. Povo semi-asiatico. Si, por accaso, (foi accaso, o golpe russo,) os proletarios allemães, francezes ou inglezes, chegassem ao poder nos seus respectivos paizes, nós os veriamos basear o Estado communista nas qualidades ou attribu-

tos que configuram e integram as physionomias dos respectivos povos. E teríamos, repito, Estados communistas tão diversos, como são diversos, hoje, os actuaes Estados democraticos, *oriundos, igualmente, de uma ideologia internacionalista.*

A questão da revolução mundial é secundaria, para os dirigentes dos soviets, preoccupados unicamente na absorvente tarefa da construcção de uma nova forma de Estado, dentro das suas fronteiras.

Si, “para o marxismo em geral, a questão de saber si a Russia é capaz de edificar o socialismo dentro das suas fronteiras, não existe” (Rév. Déf., pg. 18), para os governantes da Russia esta questão é, precisamente, a unica que tem existencia. A questão morta é a outra: a do marxismo em geral...

Dahi o choque inevitavel entre as duas questões; a victoria de uma e a morte da outra.

Como se processou esse choque? Pelo aniquilamento da facção internacionalista do Partido, da facção fiel ao puro dogma mar-

xista, que é a Opposição da Esquerda, chefiada por Trotsky.

“Para se desembaraçar do marxismo, ainda que lhe conservando fidelidade em palavras, até segunda ordem, era necessario, em primeiro lugar, virar as armas contra os que foram os sustentáculos do internacionalismo proletario”. (Rev. Déf., pg. 19).

E estas armas seriam as mais inesperadas e as mais surprehendedentes. Em primeiro lugar elles, os reformistas, os “epigonos”, os transformadores do marxismo, como resalta á luz do sol, começaram a accusar o velho judeu, que é o mais puro depositario da theoria renegada, *de ser o fundador de uma nova escola: o trotskysmo*. Deste modo passaram os accusados a accusadores, e num leve golpe de habilidade, digno de uma farça de Molière, o defensor do dogma passou a ser o seu perturbador.

Debalde este clama: “nunca pretendi, nem pretendo crear uma doutrina particular; em theoria sou um discipulo de Marx”. (Rev. Déf., pg. 20). Debalde explica e elucida: “o que se chama de *Trotskysmo*, depois de 1924

(isto é, depois do inicio da applicação da theoria do socialismo num só paiz), não é si-  
não a applicação correctá do marxismo.”  
(Rev. Déf., pg. 102).

Inutil. O *trotskyismo*, que é o nome sob  
o qual os soviets resolveram, por prudencia,  
*renegar o marxismo*, na sua feição interna-  
cionalista, foi definitivamente renegado.

Assim a lucta contra o trotskyismo-mar-  
xismo, foi o *disfarçado combate* que a nação  
russa, pelos seus dirigentes, offereceu contra  
os judeus e o internacionalismo hebraico.

No decorrer desse combate foram em-  
pregados os meios de que as outras nações se  
servem para as mesmas campanhas. Espio-  
nagens, delações, exilios, violencias de toda a  
ordem. E, a crer em uma informação do li-  
vro do sr. Octavio de Faria (25), nem mes-  
mo a campanha anti-semita foi olvidada. De  
maneira que uma das expressões do naciona-  
lismo fascista, que a Terceira Internacional  
fulmina no seu programma (26), o anti-se-

---

(25) “Destino do Socialismo”, pg. 228.

(26) “Programma e Estatutos da Communista In-  
ternacional”, pg. 16.

mitismo, foi, igualmente, aproveitada pela reacção nacional do socialismo russo.

Poderia, deante disso, ser tido por imaginoso ou exaggerado um homem amante da logica das idéas e do valor das expressões, que chamasse os processos sovieticos de fascistas? Fascismo sovietico...

O' subtileza de nomes, emaranhamento de doutrinas, mobilidade cambiante de palavras, polychromia de proposições! Creadores de diferenças e duvidas inexistentes na identidade rudimentar e animal dos sentimentos humanos...

Trotsky estabelece, com grande felicidade, a analogia entre o deslocamento da marcha da Revolução Franceza, da linha jacobina para a linha de Thermidor, e o mesmo phenomeno, occorrido na Revolução Russa, da linha do marxismo para a linha do nacional-reformismo. (Rév. Déf., pgs. 126 e seg.). Conclue mostrando o apparecimento dos mesmos resultados, nas duas Revoluções: uma "néo-nep" e o bonapartismo. Suppondo que fazia uma simples substituição de homens, com o esmagamento da esquerda, diz elle, as



duas revoluções não fazem senão *uma substituição de classes* no exercício do poder. Ahi é que a visada percuciente de Trotsky se obscurece, pelos seus habitos de observação sectaria marxista, e pela actuação da psychologia da sua raça. O que se passou, tanto num como noutro episodio historico, não foi nem uma substituição de homens, nem uma substituição de classes: *foi uma substituição de raças*. Ou, em melhores palavras, foi a substituição da ideologia caracteristica de uma raça: o internacionalismo, pelo sentimento commum a todas as outras raças, com excepção daquela propria: o nacionalismo.

E esta substituição, no que se refere á Russia, só tenderá a se accentuar e a se consolidar daqui por deante. E isto por uma razão muito simples: porque, segundo todas as apparencias, o poder do Estado sovietico bolchevista, só tenderá, egualmente, a se accentuar e a se consolidar. Ora, para que elle se accentue e se consolide, é evidentemente indispensavel que o faça dentro do espirito do pratico e ideologico nacionalismo, para o qual se tem, ultimamente, orientado. E os diri-

gentes russos sabem muito bem disso. Como sabem, também, reciprocamente, que a volta ao puro dogma marxista da “revolução permanente”, isto é, á preocupação internacionalista da promoção da revolução proletária internacional, será a alavanca da destruição do Estado soviético, porque os outros Estados não consentiriam em semelhantes actividades.

Que fazem, então, os soviets? O que dissemos acima: precisando, ainda neste momento, de consolidação, do apoio da classe proletária internacional, mantêm a Terceira Internacional, com as suas funções de órgão de propaganda e execução da Revolução Mundial, mas a mantêm numa actividade muito mais formal que real, e que não engana mais aos governos esclarecidos dos Estados burguezes. E, por outro lado, entram em relações directas com esses Estados, e estabelecem, de accordo com elles, as bases da construção de um Estado nacional russo. Política de Thermidor.

E as consequencias desta situação, para a evolução economico-social do mundo, se-

rão, talvez, as mesmas que aquellas que a Historia registra como consequencias da revolução politico-democratica, do século XVIII. Os paizes iniciadores dão um passo atraz. Os paizes retardatarios darão alguns passos á frente. E se encontrarão, num plano mais ou menos semelhante de instituições, sem o appello geral ás insurreições e ao terror (27). Este plano será o imposto pelo ambiente de nossa época, que é *socialista*, ou mais exactamente, talvez, *grupalista*. Mas soffrerá as influencias das differentes formações nacionaes, que independem das épocas, porque são eternas.

Dou por terminada a analyse historica

---

(27) Um communista que lesse essas linhas, não conteria, por certo, candentes exclamações revolucionarias contra o "sentimento pequeno burguez", e o pavor da "insurreição vermelha"... Mas eu, mesmo sem ouvi-lo, respondo já aqui que não tenho partido e que analyso, apenas, a Historia, sem paixão. Tambem acrescento que não tenho razões especiaes para temer a "Revolução vermelha", pois nada perderia com ella, uma vez que o trabalho intellectual, meu unico meio de vida, meio honrado de uma vida modesta, se exerce em qualquer regimen. Para a maioria dos "*nossos communistas*", entretanto, eu poderia, tambem, acrescentar: eu tenho tanto medo da Revolução, quanto vocês desejo de a fazer...

que prometti esboçar, com relação á influencia judaica nas ideologias internacionalistas. Penso que não dei a este trecho do estudo feição politica, e, principalmente, que nelle não deixei transparecer sombra de sentimento anti-semita. Procurei, ao contrario, sem preocupações dessa natureza, situar o phenomeno historico-psychologico, que me parece indiscutivel, no seu plano de observação historica, feita com alguns dados psychologicos. Si o não consegui, foi por incapacidade, digo-o lisamente. E o digo porque este era o meu sincero intento.

Ahi têm, pois, vocês, rapazes, o que é o internacionalismo. Um sonho utopico, um sentimento prophetico, uma ideologia millenaria, dentro de uma certa raça, integrados, com ella, no seu destino atormentado, e que nenhuma probabilidade se nos apresenta, si examinarmos as coisas com honestidade e isenção, de transformar-se, um dia, em realidade.

Contra elle se tem levantado sempre, em terriveis reacções, o sentimento nacional, e o tem levado de vencida invariavelmente. Co-

mo vimos, a sua ultima esperança se derruiu com a derrocada da sua unica oportunidade politica: o regimen bolchevista. Porque este regimen, creado sinceramente nos moldes da doutrina que adopta o internacionalismo como pedra angular, teve que romper, praticamente, com a doutrina scientifica em que se apoiava, por não poder applical-a naquelle capitulo. A impossibilidade da internacionalisação revolucionaria do mundo parece, pois, irremediavel.

Entretanto, cabe aqui uma questão: o fracasso actual do internacionalismo é definitivo, ou significa, sómente, a inadaptação de uma doutrina, demasiadamente avançada, a uma humanidade ainda, inegavelmente, retrograda de espirito, apesar do grande adelantamento que tem sabido imprimir á ciencia e á technica?

E' esta pergunta, perfeitamente razoavel, que procuraremos esclarecer nas linhas que se seguem.



**CAPITULO SEGUNDO**

**PROJECCÃO FUTURA DO PROBLE-  
MA INTERNACIONALISTA**





Não será excessiva temeridade avançar  
alguem por esse caminho?

A previsão do futuro de uma determina-  
da ideologia politica foi sempre tarefa espi-  
nhosa, e, deante della, têm fracassado um  
sem numero de pensadores.

Si ella avulta em importancia e comple-  
xidade, então, como esta de abordar a evolu-  
ção das tendencias internacionalistas, é na-  
tural que infunda receio ao escriptor, com  
certos sentimentos de responsabilidade, que  
della se approxima, sobretudo si elle sente,  
como eu sinto, na deficiencia das suas luzes,  
e na limitação do seu engenho, entraves po-  
derosos para a realisação de uma obra pro-  
ductiva e penetrante de analyse.

Talvez, porém, me apoie e me proteja uma circumstancia, ou um estado de espirito, que falta, não se pode negar, á maioria dos grandes pensadores que se occupam com os assumptos de natureza dos que aqui vimos afluando.

Quero referir-me á inteira isenção de animo, á completa inexistencia de uma paixão, de uma preferencia, ou de uma simples inclinação sentimental por alguns dos factores aqui postos em evidencia.

Desta posição resulta uma maior sinceridade, e, si me é permittido accrescentar, desta maior sinceridade uma maior lucidez, uma maior sagacidade na comprehensão.

Tanto quanto a minha razão pode se alheiar aos meus sentimentos, tenho procurado não “sentir” aqui, nem como internacionalista, nem mesmo como nacionalista.

Cheguei á conclusão da fatalidade nacionalista, no momento actual do mundo, por um processo que me parece puramente baseado no raciocinio e na observação.

Procurarei, pois, firmado nesses dois mesmos elementos, olhar para a frente, de-

pois de ter olhado para traz, sondar o futuro, depois de ter recolhido as lições do passado e assistido aos movimentos do presente.

E a lição que recebo do raciocínio e da observação histórica é que a aproximação internacional entre os homens se dará no futuro, com transformações e adaptações, por ora imprevisíveis, na actual estrutura dos Estados nacionalistas. Esta maior aproximação será, entretanto, *uma consequencia imperiosa e insensivel da evolução da technica e não o resultado de uma insurreição de classe.*

A marcha para o internacionalismo futuro será, pois, evolutiva, e não revolucionaria.

Provirá de uma transformação lenta e inevitavel das condições da vida social do homem, e não da actividade utopica de uma doutrina.

Convenhamos em que a existencia de uma classe internacional proletaria, tal como a entende o internacionalismo marxista, nunca foi sufficientemente provada, no campo da objectividade revolucionaria. As condi-

ções locais dos representantes desta classe, suppostamente unica, variam infinitamente, com as variações infinitas que as nações, nos seus diferentes estagios de adeantamento, e nas suas distinctas condições historicas, imprimem ao trabalho operario e camponez. E, com as variações dessas condições locais, é inegavel que se alteram, tambem, profundamente, as situações da vida dos chamados “proletarios”, fazendo, realmente, delles, individuos pertencentes a varias especies de classes, conforme sejam as nações consideradas.

Um proletario inglez, garantido por toda a formidavel super-estrutura da civilização britanica, por todo o gigantesco esforço do Estado, *differe muito mais de um irmão de classe do interior da China ou do Paraguay, do que de um “inimigo” ou de um “expoliador” burguez de Londres ou Manchester.* Isto é, o operario inglez, num plano internacional apolitico, pertence muito mais à “classe” de um burguez seu patricio do que á de um operario de outro paiz que viva em

condições sociaes e historicas differentes das do seu.

Este facto, de si mesmo indiscutivel, *não fala por uma solidariedade nacional, mais organica, mais realista e menos utopica do que a pretendida solidariedade internacional?*

“Fascismo!” gritarão os nossos pallidos mocinhos do functionalismo, os nossos desnutridos devoradores “revolucionarios” das traducções espanholas. (Alimento insufficiente, observe-se de passagem. Insufficiente em phosphatos....)

“Fascismo!” gritarão, pois, os nossos “marxistas”. “Esta é a linguagem de Mussolini. Por ella se chegará á pretendida e renegada theoria de solidariedade de classes, dentro da nação!”

A objecção, que nada explica, não altera, porém, a verdade fundamental do que acima ficou dito.

Assim, portanto, eu responderia a ella, sem me zangar: “Não é linguagem de Mussolini, nem minha. Não é linguagem de ninguém, pois exprime a convicção de todos,

pois apenas define e descreve factos que todos observam. Não é também a linguagem da “sciencia politica” nem da “previsão dialectica”.

E’ a simples linguagem da observação desapaixorada, que não mente, e da critica historica, que não imagina nem devaneia.”

Sejamos razoaveis. Reflictamos com serenidade.

Ainda que os postulados, economicos e sociaes, do programma marxista, sejam exequiveis, ou mesmo inevitaveis, o seu desenvolvimento num plano internacional parece, honestamente, fóra de qualquer previsão possivel no actual periodo historico, e, portanto, indigno de qualquer esforço util e sincero.

*A conversão de todos os povos ao evangelho politico do internacionalismo marxista, encontra as mesmas difficuldades e soffrerá os mesmos embaraços que a conversão, ha dois mil annos tentada, de todos os povos, ao Evangelho Moral do internacionalismo Christão.*

Dizendo que essas difficuldades serão as mesmas, queremos firmar que ellas são

sempre de natureza nacional, ou antes, de natureza anti-internacional.

Mas está claro que se exprimem por dados distintos, para não dizer antagonicos.

Os entraves oppostos á expansão christã eram, quasi sempre, causados pela incultura e pela barbaria de determinadas nações, ou pela formação especial de outras, possuidoras de religiões, já organisadas e mais condizentes com os respectivos espiritos nacionaes.

Os obices creados ao internacionalismo marxista, ao contrario, são, na sua maioria, provenientes do sentido individualista, (portanto espiritualista, pois que o espirito tende sempre para a unidade harmonica, e a independencia creadora), da cultura occidental, e dos processos sociaes creados e desenvolvidos, passo a passo, com essa cultura.

A reacção anti-internacionalista da Historia, conforme deixei indicado, no capitulo anterior, com a pequena analyse de alguns dos seus episodios culminantes, é sempre violenta e implacavel. Nella submergem e se perdem os planos e as doutrinas.

A ultima que desapareceu, sob as nossas vistas, foi a da solidariedade internacional dos proletarios, fracassada durante a Grande Guerra, e, coisa muito mais grave, fracassada, tambem, com o actual nacionalismo bolchevista da Revolução Russa, que se serviu dessa pretendida solidariedade internacional de classe, apenas para galgar o poder.

E a existencia dessa classe internacional organica, tendendo revolucionariamente para um objectivo unico, só poderia ser provada por essa solidariedade, cuja ausencia foi dolorosa e inequivocamente verificada.

Portanto, só nos restam os indicios numerosos e palpaveis da inexistencia dessa mesma classe, no ponto de vista da acção politica, e no plano do internacionalismo. Mais uma vez, nos encontramos dando razão aos russos. Socialismo? Talvez, mas nacional-socialismo.

“Fascismo!” Gritarão de novo, com grande abundancia de gestos, os obstinados “marxistas” das nossas livrarias e dos nossos cafés.



“Pensar assim é ser um theorico do fascismo!”

Mas, ainda sem me zangar, eu responderia: não é ser theorico de coisa nenhuma; é ser pratico. E’ ver os factos e não contemplar as theorias.

Depois, para não prolongar a discussão, eu os convidaria a esperar um pouco, naquella mesa, uns dez annos, vinte talvez, entre fumaças e cavaqueiras, para ver a quem a Historia dará razão. E, deixando-os á espera, sahiria para cuidar da minha vida.

A conclusão, portanto, a que chegamos é que, si a classe proletaria internacional não tem acção solidaria activa, nem a pode ter, porquanto no unico paiz onde ella chegou ao poder, a sua politica foi forçada a desviar-se para o nacionalismo, é claro que ficam adiadadas, indefinidamente, as probabilidades de uma acção revolucionaria internacional. Dahi o ter eu dito, acima, que a approximação internacionalista dos povos, provavel no futuro, não se dará por via revolucionaria. Como, então, será ella possivel, uma vez que o factor historico mais usualmente destinado à

esse papel, se tem mostrado incapaz de preenchê-lo?

Agora podemos collocar aqui, como resposta, a idéa também expressa no inicio dessas considerações.

O internacionalismo seguirá, necessariamente, as transformações da vida social da Humanidade, trazidas pela evolução vertiginosa da technica.

O risco, ao se abordar este ponto da questão, está na facilidade romantica e imaginativa que elle contém. O cuidado, portanto, deverá ser raciocinar sem romancear, deduzir sem phantasiar.

Em geral os mais graves philosophos, ao se occuparem da acção da technica sobre a vida, perdem o equilibrio, mergulham num abysmo faiscante de cifras estatisticas, perturbam-se com a velocidade, com o delirio mechanico, com o desencadeamento, emfim, das forças da Materia sobre o Homem que as despertou, e que está impotente para maneja-las á sua vontade.

E entra, frequentemente, desse ponto de

partida, em verdadeiros capitulos de romance, á maneira de Wells.

Tomarei, por isso, todo o cuidado possível para não divagar, para cingir-me, apenas, á linha geral dos factos e ás conclusões syntheticas que se possam tirar da sua observação.

E, nesta ordem de idéas, pode-se assegurar, incontestavelmente, que a technica tende para o internacionalismo.

Aliás, esta é uma das verdades marxistas, e o novo marxismo, o leninismo, se reconhece como "marxismo da época imperialista". Isto é, de uma época em que a technica obrigou o capitalismo a agir num plano internacional. Que tal é a significação do imperialismo.

Assim, pois, é evidente que a technica tende a romper as limitações nacionaes.

Nem poderia ser de outra forma. O espirito technico, como qualquer outra manifestação do espirito, não tem patria: é humano. O avião é tão brasileiro, o radio é tão americano, a rotativa de imprensa é tão franceza, quanto D. Quixote é espanhol, Mon-

taigne é gascão, Ibsen scandinavo. A technica, como a literatura, são aquisições do genio humano. Apenas surgidos os seus fructos se incorporam ao patrimonio commum de todos os individuos. O menos sagaz dos discipulos do sr. Homais não duvida desta verdade. Mas as consequencias della é que são raramente objecto de cogitação. Quero me referir ao facto de pouca gente se lembrar que, á proporção que o espirito technico (que é a forma mais popular, mais accessivel da cultura,) fôr, pelas necessidades da sua expansão, nivelando e approximando os homens de diversas nações, irá elle creando, como é inevitavel, um estado de animo que tenderá para o internacional.

Explico-me melhor. Em uma determinada agglomeração humana, só alguns individuos podem penetrar o sentido profundo, o valor universal de um esforço humano como a obra de Rabelais, ou a obra de Goethe. Por isso esses marcos da civilisação actuam directamente, apenas, em uma minoria selecta, que existe dentro de cada nação, *e que paira, quasi sempre, acima do sentimento*

*propriamente nacional*. Exemplos dessa especie de homens podem ser tomados no proprio Goethe e em Renan, os quaes, em occasiões differentes, mas em circumstancias identicamente tragicas, manifestaram sympathia e amor o primeiro, pela França, e o segundo, pela Allemanha.

Este internacionalismo intellectual provinha do espirito cultural. A cultura não actuava, porém, a não ser indirectamente, na psychologia das massas, no periodo anterior á ascensão destas ao poder. Dahi a pouca influencia que ella tinha, na formação do ambiente internacionalista (28).

Hoje, porém, vivemos, indiscutivelmente, sob o signo daquillo que Ortega y Gasset chamou a "Rebellião das Massas" (29).

Esta rebellião de massas, como explica luminosamente o pensador espanhol, não é uma simples insurreição de certas camadas mais profundas do complexo social. E' muito

---

(28) Para uma melhor comprehensão do assumto, veja-se a nota 4, no fim do volume.

(29) José Ortega y Gasset, "A Rebellião das Massas". Trad. Port. Ed. Brasil S. Paulo, 1933.

mais do que isto. E' a propria fusão das funções sociaes; é, para me servir de uma imagem pitoresca do livro, o facto perturbador de todos os participantes do palco da vida occuparem nella o primeiro plano, ao mesmo tempo. Assim as massas coraes e os simples figurantes, vêm, ou pretendem vir, á bocca da scena, e desapparecem, portanto, os interpretes destacados. Todos se confundem no Todo. A massa, diz ainda Gasset, é um homem só desde que seja um homem igual aos outros, *que exija tanto quanto os outros, intellectual e materialmente, e não mais do que os outros, como são obrigados a exigir os que não se acham integrados na massa.* A massa, ajunto eu, para chegar ao ponto que tenho em vista, transforma o theatro e a musica em cinema e em radio. Pelo systema creditario das prestações penetra nos prazeres e no conforto: automoveis, roupas, moveis, tapetes. Pelo turismo standartisado, conhece o mundo, como qualquer dos antigos e raros exploradores: Agencia Cook, omnibus nas pyramides, chás com torradas em Ceylão, roupas de xadrez e dentaduras postiças em

Sumatra e Hawai. E, finalmente, a massa, e este é o ponto mais importante da questão, *adquire uma certa media internacional de cultura, que lhe advem atravez do espirito technico. As exigencias da massa transformam a cultura em technica, ou, por outras palavras, desenvolvem espantosamente o elemento technico da cultura, fazendo delle um ponto de encontro, em terreno commun, um estado de alma accessivel a todos os homens.*

Dizia eu, ha pouco, que sómente alguns individuos, numa agglomeração, penetrariam o valor profundo e humano de um Spinoza ou de um Pascal. E esta incapacidade de penetração existe tanto aqui quanto na França ou na Hollanda.

Mas qualquer brasileiro normal, bem como qualquer francez ou hollandez, nas mesmas condições, penetra instantaneamente o valor humano de um avião, de um radio, de uma linotipo. (30)

---

(30) "Ils confondent civilisation et technique sans penser combien peu il faut, pour dresser techniquement un cannibale et lui apprendre, par exemple, l'usage d'un fusil de précision, et tout ce qu'il faut, pour l'élever seu-

Eis a forma de cultura que pode penetrar indistinctamente na massa, tomada esta no seu significado humano, isto é, internacional. Eis a razão da cultura technica, e do seu prodigioso successo. Isto não significa, como dizem mentirosamente os theoricos marxistas, uma transformação da Humanidade, que culminará no desaparecimento da opposição entre o trabalho intellectual e o trabalho manual. Este desaparecimento é mais uma utopia, e esta opposição *não é uma questão de classes differentes, é uma questão de homêns differentes.*

Esopo ou Spínosa pertenciam á classe dos trabalhadores manuaes. E qualquer millionario jogador de tennis ou guiador de automovel, é um simples trabalhador braçal, considerado sob o angulo da intelligencia. No emtanto pertence á classe onde, segundo os marxistas, está monopolizado o direito á cultura. Não prosigamos, porém, este caminho, que levaria longe.

---

lement au premier degré de civilisation et lui apprendre simplement à lire e à écrire.” — S. HAAS — “Le Bolchevisme Intellectuel”, Genebra, 1933, pg. 17.



Eu diria que o espirito technico é a forma de cultura da massa. O interesse della pelas realisações da technica, a glorificação formidavel de um Lindberg, de um Charlie Chaplin, fazem desses homens, homens da massa, e, por isto, homens internacionaes. Pontos de encontro, acima das fronteiras, para o homem-massa, como Goethe ou Renan para o homem de selecção.

Mas não são sómente elles, são as suas proezas, são os seus ambientes que interessam ao mundo. E a pouco e pouco, esses ambientes *vão ficando, tambem, communs ao mundo*. O phenomeno chamado de americanisação do mundo, não é, no fundo, sinão a internacionalisação de certos ambientes americanos, levados á massa internacional pelo espirito technico: pelo cinema.

E este exemplo será seguido, com o progresso technico, por milhares, por milhões de outros. A participação constante e imperceptivel de milhões de esforços parciaes da technica, que *qualquer que seja a sua amplitude*

*de acção é sempre humana* (31), é que formará, irresistivelmente, o ambiente internacionalista do futuro.

Está claro que não me proponho, aqui, ao gigantesco esforço de traçar um quadro perfeito e exacto dessa marcha ascensional. Contento-me em fazer della uma ligeira indicação, e a lembrar, ainda, a titulo de complemento, alguns dos seus aspectos actuaes.

Um desses aspectos, que, talvez, não esteja entre os menos interessantes, é a formação do idioma, ou antes do dialecto technico-internacional.

Em materia de motores, de installações, de cinema, de viagens, o allemão, o inglez, o brasileiro, empregam uma serie de termos identicos, ou semelhantes, puros ou corruptos, que deixaram de pertencer, particularmente, a qualquer das suas respectivas linguas nacionaes.

E pode-se avançar mais longe, nesta or-

---

(31) Si um homem em Tres-Corações-do-Rio-Verde inventa um pequeno aparelho para abotoar cuecas, estará prestando um serviço a um homem de Osaka, que tenha cuecas a abotoar...

dem de observações. Já se pode notar, que nos "decks" dos grandes navios, no "hall" dos grandes hotéis, nas salas dos grandes "restaurants", ou cinemas, o "fan", o viajante, o hospede ou o cliente, falam já uma lingua amalgamada e indefinida com o creado, o "concierge", o "steward", ou o "garçon". Empreguei aqui, de proposito, alguns vocabulos desta lingua expressiva e confusa.

Em Berlim o creado de quarto fala um francez que se parece com o allemão do creado de quarto de Paris. E o argentino, o australiano, o japoniez, se entendem com elle nesta lingua, que se situa acima das fronteiras, como acima do bem e do mal. Pergunto: o progresso da migração permanente, da sêde constante de agitação, que têm hoje os homens, graças ás *facilidades da technica*, (navios, automoveis, aviões, zeppellins), não forçará, cada vez mais, este estado de coisas?

Não acho impossivel o dia em que todo mundo fale, ou se entenda, numa mesma meia lingua, que si não será plastica, subtil, e pura, como devem ser os idiomas instrumentos da cultura refinada das mentalidades selectas,

*será, pelo menos, utilitaria, e expressiva, e pratica, como deverá ser a lingua que traduza as limitadas necessidades do intercambio ideologico da massa.*

O vocabulario medio, normal, em qualquer lingua, não vae além de seis ou sete mil palavras. Dentro deste limite, mais ou menos constante, cabe a expressão do homem de qualquer povo, para as suas necessidades sociaes. A metade, ou menos talvez, será necessaria para a comprehensão reciproca dos homens internacionaes do futuro, dynamicos, rapidos e despreoccupados dos duplos sentidos e das subtilezas.

Assim como fracassaram as tentativas anteriores de uma lingua internacional, (como o Esperanto), tentativas artificiaes e sem base, por serem ensaios de preparação scientifica antecipada, duma situação de facto, que só a evolução historica pode preparar, talvez se imponha a formação involuntaria, mas popular e expontanea, de uma lingua, feita de outras linguas, que exerça esse papel.

Não são as theorias, lembremos mais

uma vez, que produzem os factos historicos, mas as necessidades sociaes. Como o esperanto, fracassou o internacionalismo theorico do marxismo revolucionario. Mas poderá vingar, e segundo todas as apparencias, vingará seguramente, o internacionalismo necessario, imposto pela technica.

Além desse facto, que parece provavel, da formação lenta de um idioma commum, ou antes, de um meio commum de expressão e comprehensão, ainda que não seja, propriamente, um idioma, occorrerá, tambem, uma outra circumstancia, trazida pela technica, e que muito actuará na Historia do futuro. Esta circumstancia é a transformação psychologica do Homem, no que se refere á Terra. Transformação trazida pela conquista da Velocidade, no tempo e no espaço. A velocidade technica, com effeito, não dá, apenas, ao homem, a possibilidade de *agir mais em menos tempo*. Fornece-lhe egualmente, não nos devemos esquecer, oportunidades para *agir em maior numero de locaes*. Hitler não fala mais depressa do que Cicero. Mas, na campanha eleitoral que precedeu á ascensão

do seu partido ao poder, elle, graças ao seu avião, *falava em vinte cidades allemãs no mesmo dia*. Ou, na Festa da Colheita, no inicio do outomno de 1933, falou, pelo radio, a todas as povoações germanicas, mesmo as mais minusculas, *num só momento*.

A velocidade não é, pois, sómente, repetamos, a conquista do tempo. Esta seria desesperante e inutil, si não fosse necessariamente conjugada á outra: a conquista do espaço.

E não ha previsão sensata para os seus limites. Ninguem, de bom senso, poderá prever o que será a velocidade dentro de trinta annos. *O bom senso moderno está, justamente, em não repellir a possibilidade de todos os apparentes delirios.*

Só o louco, hoje em dia, é capaz de reagir contra a exequibilidade de qualquer facanha que nos pareça, á primeira vista, uma loucura.

Quando nós nos lembramos de que, ha pouco mais de trinta annos, causou sensação a ida do Rei Eduardo VII a Versailles, de automovel, numa media de velocidade de duas

ou tres dezenas de kilometros por hora, proeza que pareceu, aos espiritos prudentes de então, incompativel com a preocupação de segurança pessoal que um chefe de Estado deve ter para comsigo mesmo, quando nos lembramos disso, é claro que convimos em que só um louco poderá sustentar que, em trinta novos annos, um pacifico amanuense não vá de Versailles a Constantinopla, no seu avião, no tempo em que o galante rei foï de Paris a Versailles...

“Que tem isso, porém, com o internacionalismo?” dirá algum leitor objectivo e consequente. “Evitemos Wells e os seus devaneios”... Sim, esse leitor tem razão, evitemos o velho inglez gottoso, que, embuçado no seu “cache-nez” com as janellas fechadas, inventa e desvenda o futuro.

Mas liguemos o facto que inventei com a these que sustento.

*A conquista da velocidade, trazendo para o Homem uma enorme facilidade de agir, ao mesmo tempo, em varios logares do mundo, vae desligal-o, necessariamente, de qualquer lugar, tomado separadamente.*

Já disse que o sentimento do nacional é, em grande parte, imposto pelo instinto da terra, pela necessidade de fixação que o aproveitamento da terra infunde no homem.

Mas, como vimos acima, nada indica que esta fixação não tenda a diminuir prodigiosamente com o augmento imprevisível da ubiquidade humana, trazida pela velocidade. Por isto nada indica, também, que, com a diminuição da fixação do homem a uma determinada terra, (que é aquella que elle aproveita e com a qual liga a sua vida, e não, simplesmente, aquella em que nasceu), não desapareça, consequentemente, o sentimento de apego que esta fixação imprime no homem, e que é o sentimento do nacional (32).

Que esta probabilidade é bem remota, estou de accordo. Até que todas as nações do mundo se desliguem da terra, se transformem em nações "magicas", planem nas alturas moveis, se judaisem, emfim, o nosso ve-

---

(32) Sobre a influencia da terra na formação do espirito nacional, lembro o que já ficou dito na nota 2, no fim do volume.



lho globo terá que dar muitas voltas em torno do nosso velhissimo sol.

Mas, estou seguro que esta possibilidade longinqua é tão longinqua quanto o advento do internacionalismo, porque só com ella, só por meio della, o internacionalismo conseguirá se implantar entre os homens.

Não tenho duvidas a este respeito. E' preciso que a rapidissima technica realize o tardo e vagaroso milagre de transformar a alma dos homens. E só ella é capaz dessa prodigiosa aventura.

As doutrinas politicas, e as utopias scientificas fracassaram, fracassam e fracassarão pela Historia adeante. Contra ellas reagirá, enquanto existir, o sentimento nacional, que não se amolda a doutrinas e utopias.

Procurei aqui dar uma idéa do que se pode pensar sobre o progresso technico, e a transformação social que elle opera no sentido do internacionalismo.

Está claro que tracei um simples e breve esboço do problema, porque elle é, realmente, muito mais complexo e mais amplo. Mas os dois aspectos sobre os quaes me demorei,

o da lingua commum, e o do desligamento da terra, parecem-me os mais expressivos para o fim de apoiar o enunciado da idéa.

Talvez a muitos espiritos refinados e altos, amantes da cultura no seu sentido classico, e das limitações da aristocracia, nos seus differentes significados e aspectos, repugne o que aqui digo. Mas não é com lamentações que poderemos desviar a marcha implacavel dos factos.

Que me valeria aqui, lamentar a rebelião das massas, entrevista e definida com tanta lucidez por Ortega y Gasset? Qual seria a utilidade deste conceito, num estudo, como o que aqui venho fazendo, si eu delle não me quizesse aproveitar, para retirar as consequencias que se impõem e que aproveitam ao meu ponto de vista?

O melhor ou o peor, o apogeu e a decadencia são, no fundo, apreciações relativistas.

Assim como não me é possivel dizer, que as estrellas do céu occupam, no espaço, um plano superior á Terra, porque no Universo Cosmico não ha planos, sinão na medida da

posição em que se colloque o observador, também não poderei affirmar que a avassaladora e inevitavel substituição da cultura pura pela cultura technica, seja um indice de decadencia da nossa civilisação. E', quando muito, a expressão mais accessivel de uma actividade humana reservada, anteriormente, aos circulos de selecção. E' mais um aspecto, transitorio, talvez, da rebelião das massas. E' a plenitude da vida, ao alcance de todos. E, desse phenomeno, isolamos o ponto que interessa ao desenvolvimento da nossa idéa. Isto é, que a actividade espiritual desinteressada, sendo sempre internacional, emquanto ella se exercicia no dominio da alta cultura, o internacionalismo ficava limitado a uma duzia de altos espiritos, em cada geração e em cada paiz. E' o que chamei "universalismo". Mas a technica, no ultimo meio seculo, tem preparado rapidamente o ambiente do mundo para uma maior approximação futura entre os homens. Porque o espirito technico equivale á cultura, para as massas, e tem, como vimos, a mesma funcção.

Creio que podemos, com mais algumas

linhas, encerrar este “capitulo de Wells”. Com elle tive em vista indicar o caminho que, me parece, será o do internacionalismo, e que se projecta nas brumas do porvir. Encarecendo a distancia em que estamos da meta final desse caminho, procurei deixar transparecer que, num momento de acção historica como o que estamos vivendo, elle não nos interessa a não ser na medida em que nos interessarem os puros debates especulativos. Não tem influencia historica, porém. Desde que se entenda por influencia historica uma força de acção, constructora de possibilidades, e não uma actividade de indagação, creadora de mythos, mais ou menos consequentes.

**CAPITULO TERCEIRO**

**A VERDADE DO PRESENTE**



Não procuremos resvalar sobre a questão fundamental da presente etapa histórica: a nação é a grande realidade hodierna. De nada valem as negativas deante deste facto brutal, irremovível, mas ingenuo talvez. É indiscutível. Nunca o mundo foi tão nacional como agora. O nacionalismo é o dynamo, é a actividade geradora de todas as políticas.

Na Asia, o nacionalismo nipponico, depois de um periodo de amortecimento, que se contou por varios decenios, nos quaes absorveu e penetrou os segredos da technica occidental, levantou-se como um dragão vigoroso, um dragão bem alimentado e bem armado, e desbaratou as pretendidas influencias europeas no terreno que julga ser seu e sómente seu. O paiz do sol nascente guardou o

espírito millenario do nacionalismo religioso, mas poz ao serviço delle a sciencia e a technica “fausticas” do Occidente, das quaes se embebera com sabia e macia prudencia. Mentalidade de samurais, amparada pelas metralhadoras, aviões, gazes, e carros de assalto...

Sobre o nacionalismo russo não é preciso acrescentar mais ao que já ficou dito. Nem sobre o allemão, tão escandaloso é elle, e tão espantoso. A Allemanha é o vulcão racista, acceso e fumegante no meio da Europa, para apprehensão dos negociantes placidos e implacaveis da Inglaterra, aquelles louros “anjos criminosos”, como os chamou Lenine. Que se encerram, tambem, bem-educadamente, em “gentlemen”, numa nova éra victoriana e desdenhosa de nacionalismo. Uma especie de orgulho ao contrario. Orgulho exaggerado de crise, vaidade de andrajos, mais intolerante que a das sedas e pedrarias de outrora. A Inglaterra é essencialmente o paiz que procura transformar as suas crises domesticas em catastrophes mun-



diaes. E dá-lhes força e repercussão para isso.

O Cesar da Villa Torlonia, fundador e artifice maximo desta obra nacional, não arrefece nem descursa da sua prégação. Continúa indicando aos seus camisas pretas o caminho do novo Imperio Meridional.

E os outros? Todos na mesma senda, todos na mesma róta. Do nacionalismo francez nem quasi se precisa falar. Na França a Republica sempre trocou rapidamente o barrete phrygio pelo capacete de aço. E sempre cortou, com o gladio das batalhas, as paginas fechadas dos livros das leis. "Republique casquée"...

O francez abandona o "pince-nez" burocratico e commercial pela mascara de gaz asphyxiante, e o avesso do seu paletó-sacco burguez é uma tunica de soldado. Qualquer individuo desta massa economica e irritadica, deste povo que é o mais mal vestido do mundo, quando fardado, é um typo marcial. Os punhos de celluloides, as ceroulas de cadarço, as gravatas de laço feito, os guarda-chuvas: illusão e insidia. Somem como por en-

canto, desaparecem, escafedem-se, e surge o garboso e intolerante soldado, que não recua de um passo, que perde, nas discussões, a lucidez e a clareza fundamentaes da sua raça, que se estupidifica á força de convicção, e que se bate exasperadamente, que luta até o fim, que não cede.

Todos eguaes. Desde o vago rei Zogu ao pequeno Dolfuss, a nova revelação que assombra o mundo. Desde o barrete de seda de Venizellos ao nariz judeu de Salazar: todos officiam na missa nacionalista.

Onde está a sciencia da previsão, no systema que indicava a morte fatal do poder nacionalista? Marxistas! Onde se esconde o vosso senso das realidades, com que oculos deformadores estaes olhando o mundo?

Eu, por mim, que estou procurando me occupar das realidades do presente, e não dos mythos do passado ou do futuro, olho a paisagem do mundo e reconheço lisamente aquillo que só um imbecil ou um fanatico não poderá reconhecer: o grande facto da nossa historia é o resurgimento do espirito nacional. Não depende isto da nossa vontade,

Depende de uma serie de elementos a ella extranhos, e que somos forçados a acceitar. Por isso, para comprehendermos o papel da nossa geração, para podermos nos integrar na acção que a sorte a ella reservou, temos que partir do ponto inicial, que é a comprehensão desse espirito.

O nacionalismo veio dar um sentido novo á reacção. Veio ajuntar um vigor differente e uma substancia mais activa ao anti-marxismo. *Porque é uma posição do espirito, e não uma simples attitude do corpo. Porque é uma formula de ataque, e não um esgueiramento de fuga. Porque é uma ideologia, e não um pretexto.*

Os intelligentes marxistas revolucionarios bem o percebem, bem o comprehendem. Mas, por isso mesmo que entendem ser o facto nacional o obstaculo irremovivel, fingem não dar a elle importancia maior, e incluem-no, displicentemente, entre as difficuldades que, dizem, a Revolução arrastará e esmagará invencivelmente na sua marcha fatal.

Neste particular é curioso observar a

posição dos corypheus officiaes da Terceira Internacional.

O partido dominante na Russia, que, como vimos, desenvolveu uma campanha de intenso nacionalismo para se assegurar o poder, e que reconhece, portanto, a força primordial do espirito nacionalista, como elemento assegurador da victoria politica, guarda-se bem de falar claramente desse espirito, quando enumera as differentes doutrinas que se antepõem ao marxismo, e que não são mais, no fundo, do que consequencias formaes da actividade unica e profunda da nação. Como, aliás, nunca é demais repetir, o proprio socialismo bolchevista.

O programma da Terceira Internacional ataca violentamente a acção politica das ideologias que elle chama "hostis ao communismo". Assim passam, pela sua critica acerba, as confissões religiosas, o reformismo social democrata, ("o grande inimigo"), o cooperativismo, a representação de classes, (Estado Corporativo), o austro-marxismo, o anarchismo, o syndicalismo revolucionario, etc.

Mas o que o programma finge não reconhecer, é que todas essas ideologias, todas essas doutrinas, inclusive os episodios particulares, taes como o sun-yat-senismo, na China, o gandhismo na India, e o garveismo na America, são, de um modo geral, e desprezadas as particularidades, as formulas de adaptação dos ideaes socialistas ás realidades nacionaes. *Isto é, são, nos respectivos paizes, e respeitadas as proporções, o que o bolchevismo é na Russia.*

O nacionalismo é o panno de fundo de todas estas scenas. Quer sejam movimentos propriamente doutrinarior e politicos como a Social-Democracia, ou o Syndicalismo, por exemplo, quer sejam, apenas, episodios politicos de movimentos de outra natureza, como os religiosos, todos elles representam, no caso, uma forma de reacção nacional contra o internacionalismo inatingivel.

Si se permite uma comparação, mais ou menos forçada, mas talvez expressiva, eu diria que o sentimento nacional representa, no organismo de um povo, o papel que o freudismo reserva ao instincto sexual, no orga-

nismo humano. Elle preside e orienta ás actividades, mesmo áquellas que se suppõem, ou se apresentam, mais distanciadas delle.

Assim como o pan-sexualismo deriva ou se sublima numa grande realisação artistica ou scientifica, o obscuro desejo de permanencia, que é o sentimento nacional, o confuso terror da desagregação e da morte, que é o instincto anti-internacional, fazem com que os povos acompanhem theorias, que são derivações desse sentimento e desse instincto, e que não se confessam expressamente no campo da razão politica, do mesmo modo por que o pan-sexualismo, no homem, não emerge claramente no campo da vida consciente.

O caso mais instructivo desse phenomeno é o proprio caso russo, onde o bolchevismo, tolhido pela censura do dogma internacionalista do marxismo, *transferiu o sentimento nacionalista, que lhe era inevitavel, para o mytho da theoria do socialismo num só paiz*. Tal-qualmente um individuo, tolhido pela censura da consciencia moral, transfere a actividade do seu instincto sexual

para um sonho em que ella se realise mais ou menos disfarçadamente....

E é exactamente o bolchevismo nacionalista que vae atacar as formulas "antimarxistas" de socialismo, das quaes elle proprio é uma preciosa expressão!

A idéa nacional deu um novo sentido á politica de reacção, dizia eu ha pouco. E isto, precisamente, porque emprestou-lhe uma significação ideologica, que corresponde ao sentimento das massas.

O anti-internacionalismo, tendo lavrado como um incendio na Europa e Asia, (e vemos hoje em todas as novas construcções politicas um fructo exclusivo da sua acção), passou a ser uma attitude do espirito, uma doutrina, uma determinação.

Assim como um millionario pode ser, por inclinação intellectual, um marxista convencido, um proletario pode ser, tambem, pela mesma convicção, apoiada na observação dos factos historicos, que neste livro procurei interpretar, um convencido nacionalista. Com a Nação e dentro da Nação é que se resolvem, e que se têm resolvido, todos os proble-

mas politicos e sociaes. A inter-nação ainda é um sonho. (33)

Isto o proclama a Italia, o assegura a Allemanha, o demonstra a Russia, onde os Estados são construcções solidamente apoiadas sobre as bases nacionaes.

Chegamos assim, depois desta estafante jornada, a comprehender as causas da asserção feita no inicio deste estudo, onde está dito que, provavelmente, a razão essencial do fracasso da organização brasileira, até hoje,

---

(33) Como, tambem, a super-nação. A tentativa da Liga das Nações é uma prova disso. Creada num momento de gloria do sentimento internacionalista que occorreu immediatamente após a guerra européa, a Liga começou, logo, a soffrer os golpes do nacionalismo exaltado que resurgia, e que destruia aquelle sentimento.

Esta tem sido a sua tragedia. E será a causa principal da sua inefficiencia.

Cada nação deseja participar dos trabalhos conjuntos sem alienar uma particula da sua formação soberana total.

E o resultado é que não ha cooperação, mas choque, que não ha confiança, mas rivalidade.

A Liga não é um hotel, com serviços communs, com locais de encontro, com um systema social colectivo.

E' uma casa de apartamentos, onde cada locatario passa mezes sem ver o visinho, onde cada familia exige installações completas, e se encerra nellas, ignorada e esquecida de que habita uma morada commum...



está precisamente no facto, muito falado mas pouco levado a serio, do nosso Estado não ser uma expressão politica da nossa Nação.

Hoje, mais do que nunca, é necessario encarar o problema sob este angulo. Porque hoje, mais do que nunca, é complexa e difficil a sua solução satisfactoria.

Ninguem sabe, ao certo, o que é o Brasil.

Rasgaram-lhe os interiores, penetraram-lhe quasi todos os segredos physicos. Fecharam-lhe as fronteiras, contaram-lhe os habitantes, examinaram-lhe, tanto quanto possivel, o corpo. Mas a alma? Quem lhe conhece a alma? Quando foi que ella se exprimiu, se desvendou em conjuncto, com segurança e liberdade?

Hoje a alma nacional fluctua, mais do que nunca, imantada por forças radicalmente contradictorias.

E, no meio desse tumulto, em que a verdade nacional não consegue emergir da confusão, para se definir, para se affirmar com clareza, no meio dessa actividade dispersiva de varios impulsos nacionaes que se neutra-

lisam reciprocamente os esforços, avulta, como um phantasma na sombra, agindo na mentalidade dos moços, o espectro do anti-nacionalismo.

Esta força não poderá construir coisa nenhuma, será mais um elemento dissolvente a se juntar aos demais.

No Brasil ella se apresenta sob dois aspectos: o do internacionalismo e o do regionalismo.

O primeiro, ao qual é mais especialmente dedicado este estudo, destinado á mocidade intellectual, é aqui um reflexo retardado do pensamento judeu que tão detidamente examinámos atraz. (34)

Actua, disfarçado de varias maneiras,

---

(34) Desejo que se entenda bem que, quando falo na influencia hebraica sobre o pensamento internacionalista, não pretendo apontar, directamente, nenhuma influencia propriamente semita sobre o Brasil. Entre nós este problema, como tantos outros, não possui expressão clara. O que me parece certo, é que o internacionalismo é um principio judeu. Por isto digo que, mesmo os não judeus, ao se filiarem a elle, estão sofrendo a influencia da mentalidade judia, embora inconscientemente. E este é o caso dos internacionalistas do Brasil, onde o problema sionista não existe, nos mesmos termos em que se colloca na Europa ou nos Estados Unidos.

sobre uma minoria intellectual, geralmente insufficientemente cultivada em materia sociologica, com pouca autonomia mental, caudataria de principios que ella suppõe não conformistas e, portanto, demonstrativos de uma singularidade para quem os adopta, que é cara aos espiritos mediocres, incapazes de se salientarem, de se affirmarem por outros processos menos superficiaes. Na melhor das hypotheses, quando não são levados por este “snobismo” menos digno, são os nossos “revolucionarios” intellectuaes arrastados por um ingenuo espirito livresco, amigo das formulas e das phraseologias simplistas, tão communs nos autores marxistas, ou por um vago sentimentalismo humanitario, e limitam esta actividade a debates incendiarios nos cafés e livrarias. Inteiramente destituidos de acção politica lêem e conversam sobre o que leram. Nem, mesmo, escrevem. E’, realmente, espantosa, a indigencia de produção literaria desses palavrosos “leaders” do internacionalismo revolucionario. Nem um livro importante. Nem, talvez, um artigo substancioso. Nada, tres vezes nada. Não se

envolvem tão pouco, está claro, no campo da acção directa. Almas burocraticas, repugnantes invencivelmente a dura actividade subversiva. Têm horror ás reuniões clandestinas, sujeitas a perquisições policiaes, aos "meetings" dissolviveis, aos riscos e inconvenientes notorios das barricadas.

A acção que desenvolvem é puramente negativa: a não participação, a não cooperação, a critica mordaz, brilhante e inutil.

Sendo passiva, esta attitude não é, porém, menos efficiente. Porque, partindo de nucleos intellectuaes respeitados, forma no publico intellectual sobre o qual elles influem um ambiente invertebrado de alheamento, de suspeição, e de caustico scepticismo, num momento em que todos os musculos do corpo, todas as fibras da alma devem estar retezados por um esforço conjugado e convergente, de construcção do Brasil e de comprehensão do Brasil.

Eu não sou um entusiasta rhetorico. Tenho horror á pyrotechnica plebéa do palavreado nacionalista. Desta procurei me afastar, o mais possivel, neste livro, preocupado

exclusivamente numa obra de critica historica.

Mas não me custa reconhecer que o momento actual é daquelles em que ou as nações se definem, se crystallisam, se purificam na supervisão da propria vida, na consciencia da propria formação, ou se dissolvem, se desagregam, se putrefazem na fermentação caotica dos embates revolucionarios insolúveis.

Ou nação: Italia, Allemanha, Russia, Turquia; ou desordem: China, India, Mandchuria. Só a nação retira o povo da desordem a que o arrastam, fatalmente, os ventos catastrophicos da espantosa etapa historica a que a nossa geração assiste.

Não supponham os roseos optimistas brasílicos que o caso nacional é sempre protegido pelo favor de Deus. O que ocorre em nossa vantagem é a protecção que representa o nosso ralo indice demographico. *Si o Brasil possuisse o dôbro de habitantes que hoje possue, com a mesma falta de espirito nacional, seria, provavelmente, impossivel, para*

*sempre, a formação de um verdadeiro Estado Brasileiro.*

As duas grandes forças anti-nacionalistas do Brasil são o recente internacionalismo marxista de algumas “élites” intellectuaes, que actuará futuramente sobre as massas, e o regionalismo insensato de certos Estados e dos seus governantes. Sobre o internacionalismo discorri especialmente neste trabalho, destinado, como disse, aos moços intellectuaes. Sobre o regionalismo já disse o suficiente em outro estudo (35) e ao que lá ficou dito me reporto. Ajuntarei, aqui, apenas, algumas considerações complementares, para a articulação da noção geral á these deste ensaio.

A nossa tendencia de desagregação se processa tambem pelo regionalismo. Alguns “generaes” typo chinez, á frente das agueridas milicias estadoaes, enfrentando bravamente a fraqueza do poder central, especies de Lampeões em pose ampliada, oppri-

---

(35) “Introducção á Realidade Brasileira”, pags. 210 e segs.

mindó e explorando as massas da circumscrição administrativa sujeita ao seu poder, eis o que nos espera, dentro de alguns deccenios, com a progressão do espirito actualmente reinante.

O internacionalismo doutrinario dos marxistas, agindo em conjuncto com o regionalismo de alguns grandes Estados, no esforço commum do anti-nacionalismo, só poderá chegar a esse fim, que não satisfaz ás ambições de um nem de outro.

A implantação da dictadura do proletariado, entre nós, é, com a formidavel disparidade de forças que se defrontam, um mytho absurdo. Trabalhar para elle é produzir um factor de desordem, sem esperança de successo. A independencia, o separatismo de algumas unidades federaes, ou o sonho da Confederação, (que mais não é que a formula disfarçada, a formula matreira, a formula estellionataria desse mesmo separatismo), é um outro sonho, e as luctas estereis para o seu advento representam outro ataque ao espirito nacionalista, e outro factor deleterio de desordem.

E estas duas desordens, com a prolongação da sua lucta sem quartel e sem remedio, sobretudo sem esperanças, com successos e insuccessos parciaes e sem significação de conjuncto, irão levando o paiz, favorecidas pelo crescimento da sua vida vegetativa, (augmento da densidade demographica sem augmento da consciencia nacional), á fermentação desordenada dos “generaes” saqueadores e dos exercitos vorazes. A’ mesma paisagem civica confortadora que nos offerece o oceano tumultuoso da China, agitado successivamente pelas marés do regionalismo militar e pelas ressacas do internacionalismo bolchevista. As policias militares dos nossos grandes Estados, e o espirito de hegemonia que se caracteriza no periodo revolucionario actual, são pallidas demonstraões, simples indicaões, do que poderá ser esta situação futura.

O Brasil é um paiz cosmico. Como a Russia, a India, a China, e em certo sentido os Estados Unidos. Já o observou um escriptor francez. Com o sentimento nacional esses colossos se organisam harmonicamente,



cosmicamente, como os Estados Unidos e a Russia, e tendem, num esforço comprehensivo, para uma participação differenciada e perceptivel na obra commum da civilisação. Sem este sentimento, porém, degeneram, como os outros que citamos, se corrompem e se transformam num todo inorganico, pasta confusa e diffusa de elementos heterogeneos, mundos em perpetua formação, nebulosas sem destino.

Eis o caminho que nos está marcado, si não houver reacção.

Mas esta virá. Ainda é tempo que ella venha. A nossa Nação existe, apesar de tudo e de todos.

Ella ainda se pode rebelar, sacudir o jugo do internacionalismo e do regionalismo, essas duas formas do anti-nacionalismo, que nos atormentam.

A consciencia nacional apparecerá, surgirá subitamente do fundo da duvida e da confusão, e patenteará límpidamente a sua existencia com a sua presença avassaladora.

Vestida com camisa de qualquer côr, seguindo uma doutrina de qualquer nome, ser-

vindo a um chefe de qualquer tendencia, ella virá, porque tem de vir, como veio, nos momentos de crise, para os paizes cujas historias examinamos.

Ella virá e vocês, rapazes de 20 annos, têm que ser, connosco, os pregoeiros da sua vinda, os annunciadores da sua chegada, si não quizerem trair ignominiosamente ao destino que a Historia collocou entre as mãos da nossa geração.

Nos tempos em que o anti-nacionalismo se apresenta, apenas, como uma doutrina judaica, o internacionalismo, ou como um sentimento de exclusivismo romantico, o regionalismo theorico, a reacção nacionalista não se opera.

Desde que, entretanto, esses devaneios, mais ou menos literarios, começam a se corporificar em tentativas de realisação, num ou noutro sentido, a nação reage fulminantemente.

Vimos o que tem occorrido em outros paizes com a reacção anti-internacionalista. Esta, no Brasil, ainda não encontra campo para se manifestar, porque não tem, pro-

priamente, acção contra que lutar. Não se luta contra uma idéa traduzida em conversas de café. Mas se lutará quando essas conversas, que vocês entretêm, começarem a levar os outros ás barricadas. Porque os que conversam raramente lá vão.

Já com o regionalismo a coisa é diferente. Não revivamos os travos e as amarguras das luctas que têm pontilhado a nossa historia, desde a éra colonial. Lembremos, apenas, que essas luctas se repetirão todas as vezes que fôr necessario.

A Nação é uma força vital, um destino implacavel.

E' a verdade do presente.



**NOTAS**



## NOTA 1

Eu proprio assegurei, na "Introducção á Realidade Brasileira", que entre nós o problema judeu não existe. Fazendo aquella affirmacção, era meu intuito constatar que elle não existe como dado politico, isto é, como actividade de desunião nacional, causada pela existencia de uma raça differente no seio do Estado, inassimilavel, e *pelo conhecimento desta existencia por parte do povo*. Por outras palavras, não existe problema politico judeu, porque o povo brasileiro ignora o que seja o judaismo, e não se preocupa com isto. Mas não se pode, comtudo, negar a existencia do judaismo entre nós, não como factor ethnico, mas como influencia intellectual, como, tambem, não se pode negar a sua actuação intellectual na elaboração das

novas tendencias internacionalistas da mocidade brasileira. E' sobre isto que procuramos chamar a attenção dos moços na primeira parte do presente ensaio.

Pena é que não se tenha, ainda, estudado convenientemente a influencia historica do judeu na formação do nosso povo.

E ella não pode deixar de ser consideravel, porque sabemos quão importante foi na formação dos nossos maiores, os povos da Iberia e notadamente o portuguez.

Para mostrar o desinteresse com que temos encarado o assumpto basta lembrar que a nossa bibliographia sobre o judaismo é de uma pobreza desoladora, ao lado da espantosa riqueza della, nos outros paizes.

Que eu saiba, apenas dois escriptores se preoccuparam com a questão: os srs. Solidonio Leite Filho e Osorio Lopes. E nenhum delles, assim mesmo, levou as suas investigações ao ponto de profundidade, que os factos exigem.

Ao lado disto, vemos coisa inteiramente diversa em Portugal, por exemplo, onde sobresaem estudos de primeira ordem como os



de Lucio d'Azevedo (*Historia dos Christãos Novos Portuguezes*), e Mario Saa, (*A Invasão dos Judeus*), para só falar destes dois.



## NOTA 2

A idéa nacional está ligada ao sentimento da terra. Invencivelmente as raças transplantadas se desnacionalizam. Não acredito na permanencia do fogo sagrado da unidade ethnica, na alma do desenraizado. Os esforços desesperados da Italia e da Allemanha para garantirem a permanencia do sentimento nacional nos individuos dos seus sangues, fixados em terra extranha, têm se demonstrado inanes. Permanece, no maximo, uma corrente sentimental de sympathia, quasi inoperante, que se traduz na benevolencia dos julgamentos e na remessa de fundos. Mas isto mesmo desapparece, de um modo geral, ao cabo de duas ou tres gerações. E não é só nos paizes novos de emigração, como o Brasil e Argentina, que este phenomeno de as-

simulação forçada pode ser observado. A própria França nos offerece exemplos desta natureza. A Corsega, a Savoia, a Costa Azul, até Nice, são, no todo ou em parte, paizes italianos. E os netos ou bisnetos de italianos que alli vivem, se contam entre os mais declarados e legitimos francezes, apesar dos appellidos que trazem lembrarem quasi sempre as origens peninsulares. E isto se verifica entre dois paizes continuamente em guerra ou em rivalidade aberta, quando, portanto, a alma da raça devia estar menos preparada para soffrer a influencia da nação inimiga.

Na America, temos outro exemplo no Canadá, hoje muito mais na orbita dos Estados Unidos, de quem é satellite economico, do que na da mãe Britania, á qual o ligam apenas frouxos laços de orgulho imperial, e contra a qual toma medidas politicas e economicas, para proteger o seu intercambio com a grande republica do pavilhão estrelado.

### NOTA 3

Este trecho do presente estudo foi escripto em junho de 1933 e lido, na mesma occasião, por alguns amigos de Minas Geraes. Em Julho, tendo adquirido um exemplar do forte ensaio do sr. Octavio de Faria, "Destino do Socialismo", deparei, com surpresa, a paginas 141 e 142, com a mesma imagem comparativa entre Marx e o propheta biblico, acompanhando raciocinio muito diverso. Pensei, a principio, em modificar este ponto da redacção. Considerei, em seguida, que o trecho nada tinha de essencial, nem mesmo de pessoal, e que, seguramente, não será a primeira nem a ultima vez que terá sido lembrada a comparação para o mesmo fim, ou para fim diverso. Além disso a suppressão, embora ignorada do publico, me pareceu um

acto de fraqueza para commigo, para o qual não consegui encontrar explicação satisfactoria, deante de mim mesmo.

## NOTA 4

A proposito dos nomes judeus, invariavelmente encontrados nas familias dos antepassados do philosopho de Genebra, consulte-se o interessantissimo estudo de A. Lacassagne, intitulado "Les dernières années et la mort de J. J. Rousseau", e publicado na revista "Archives d'Anthropologie Criminelle, de Médecine Légale et de Psychologie Normale et Pathologique", de Paris. (T. 28 — outubro-novembro de 1913.)

Neste estudo, feito mais sob o ponto de vista medico, do que historico ou philosophico, o professor Lacassagne indica a existencia de cerca de cincoenta familias de antepassados de Jean-Jacques Rousseau, cujas origens foram objecto de pacientes pesquisas nos archivos de Genebra e arredores, pes-

quizas essas que permittiram remontar, até o Seculo XVI, a curiosidade dos genealogistas.

Lacassagne reproduz, apenas, os nomes dos antepassados cujo "causa mortis" constasse dos actos e registros de obitos. Esta limitação se explica pela these, que desejava sustentar o autor do estudo, isto é, a these de que a morte de Rousseau fôra natural e não provocada por crime ou suicidio.

Mas o que nos interessa, no caso, é que os nomes judeus se reproduzem incessantemente entre os citados por Lacassagne, e em todas as familias. Seria fastidioso enumerar-os aqui, e, por isso, envio o leitor ao texto citado, caso lhe interesse um exame mais detido do assumpto.

Talvez não seja, tambem, excessivo, recordar que o proprio nome "Jacques" equivale a "Jacob", e é "Jacob" que está escripto no ataúde do grande pensador, exhumado em fins do seculo passado para verificações historicas. "Johnis-Jacobi-Rousseau", eis o que se lê, gravado no caixão.

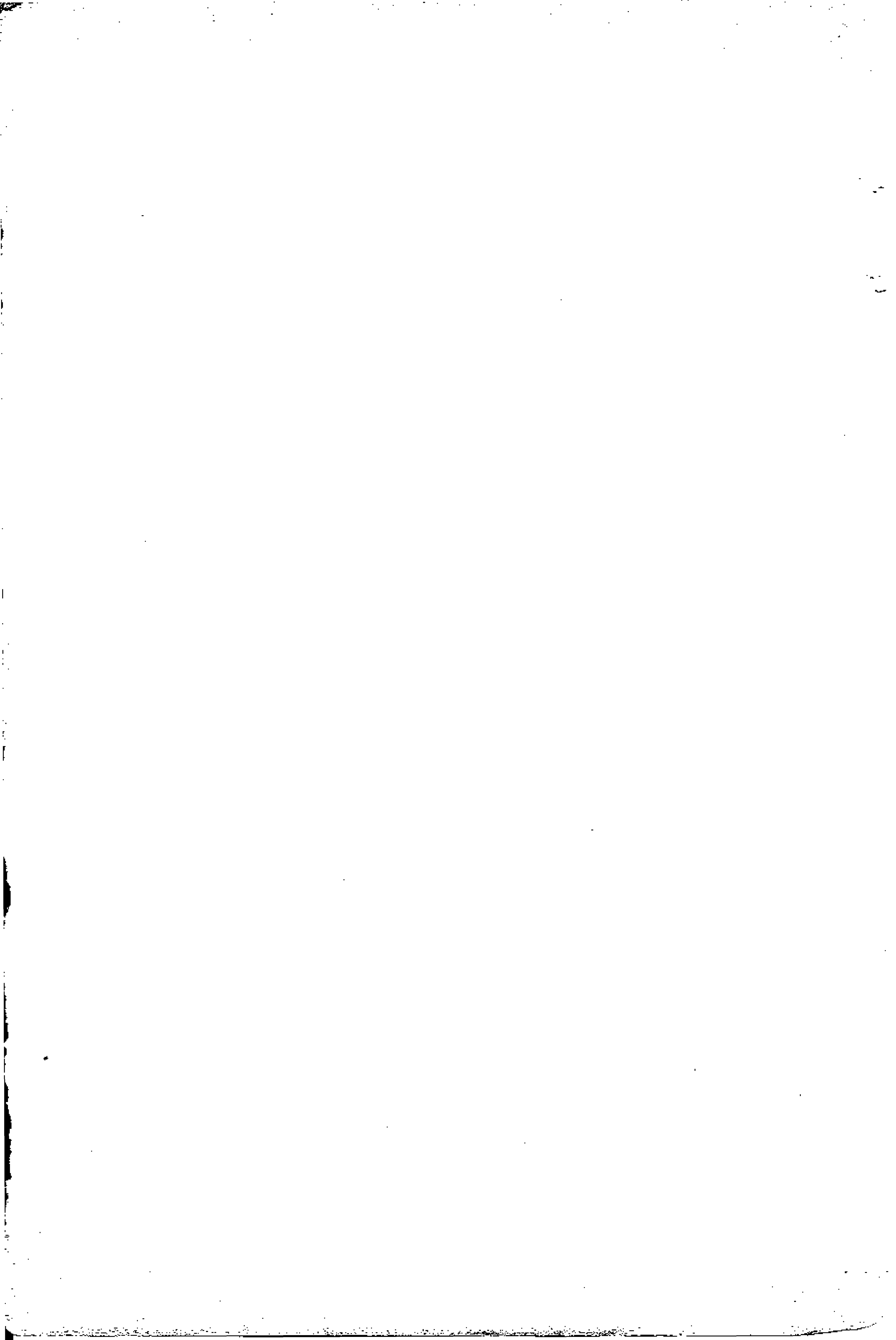
Dirá algum leitor, avisado e minudente,



(e o dirá com razão), que, entre as famílias protestantes, a partir do Seculo XVI, era usado o emprego dos nomes biblicos.

Entretanto, observarei que tal uso era mais corrente entre os protestantes anglicanos, e não entre os calvinistas, de que provinha Rousseau, e que, além disso, certos nomes typicamente judeus, como Isaac, ou Abrahão, existentes nas familias de Rousseau, não eram especialmente usados, por não serem nomes de prophetas ou de reis, que eram os preferidos. Ha, ainda, a considerar, que a repetição dos nomes é deveras impressionante, não se tratando, apenas, de casos isolados ou esporadicos.

Não é, portanto, sem razão, que alguns autores, entre os quaes Mario Saa e Sellières, alludem claramente ao judaismo de Rousseau.



## NOTA 5

Si eu não estivesse tolhido pela necessidade de seguir até o fim o meu assumpto, poderia me deter neste ponto, explicando e accusando melhor as differenças da acção da cultura e da acção da technica, sobre a mentalidade dos homens. Não ha duvida que a technica é, também, cultura. Mas é cultura divulgada. O espirito technico é uma forma da desaristocratisação da cultura, comprehendida esta no seu significado classico e universitario. A technica seria, em tal caso, uma especie de cultura democratica. Ora, (e ahi está o nucleo central do raciocinio que eu não tenho espaço para desenvolver neste ensaio), si a cultura tende para uma acção synthetica e unificadora, esta acção se desenvolve na mesma direcção que a da technica, mas num

outro plano, mais alto. Neste caso eu chamaria á aproximação, imposta pela cultura, de “universalismo” (V. “Introducção á Realidade brasileira”, pgs. 198 e seg.), e á aproximação, imposta pela technica, de “internacionalismo”.

Está claro que, com a noção, que acima esboçamos, do problema, se deduzirá que a cultura actua não sómente num plano mais alto, mas, também, com um esforço incomparavelmente mais lento.

O avião anda mais depressa do que Dante...

O que equivale a dizer que, sendo a velocidade da divulgação do espirito technico infinitamente superior á da divulgação do espirito propriamente cultural, segue-se que o internacionalismo, resultado forçado do primeiro, precederá, de muito tempo, de milênios talvez, o advento do universalismo, que é o fructo necessario do segundo.

Vê-se, nesta breve incursão, o interesse e a extensão de um debate em torno dessas idéas.

Mas seria uma invasão em terra extra-

nha áquellas que a este estudo estão destinadas.

Por isso conservei, no texto, o problema, no seu estado inicial, que é o que nos interessa. Isto é, numa situação em que não separamos os resultados da technica dos da cultura, e em que, por conseguinte, não consideramos dissociadamente as idéas de internacionalismo e de universalismo. Limitamo-nos a observar o primeiro, e a sua força geradora, a technica, que são os movimentos reaes e perceptíveis do presente historico.



# INDICE





Introducção . . . . .	5
Capitulo primeiro — O judeu e o internaciona- lismo . . . . .	31
1 — Considerações geraes . . . . .	33
2 — O internacionalismo judeu na Revo- lução Franceza . . . . .	53
3 — O internacionalismo judeu na revo- lução allemã . . . . .	77
4 — O internacionalismo judeu e a revo- lução russa . . . . .	89
Capitulo segundo — Projecção futura do pro- blema internacionalista . . . . .	137
Capitulo terceiro — A verdade do presente...	167
Notas . . . . .	191
Nota 1 . . . . .	193
Nota 2 . . . . .	197
Nota 3 . . . . .	199
Nota 4 . . . . .	201
Nota 5 . . . . .	205
Indice . . . . .	209



Terminada a impressão  
deste livro em 20 de  
Fevereiro de 1934, nas  
officinas graphicas dos  
Irmãos Pongetti.







# Os livros de verdadeiro interesse para os estudiosos dos problemas brasileiros

**A ILUSÃO AMERICANA** (nova edição), por Eduardo Prado. Este livro estava exgotado ha muito e as novas gerações o reclamavam. E' a mais alta acusação ao imperialismo expansionista dos Estados Unidos da America. O primeiro Governo Provisorio da Republica mandou confiscar a obra, quando ela appareceu. Depois, com o passar dos tempos, as paixões arrefeceram, e edições novas surgiram, sem que as autoridades cuidassem mais de impedir a livre manifestação de uma consciencia—tanto mais que se trata da consciencia de Eduardo Prado, uma das maiores figuras que tem tido a nossa literatura. O livro faz a historia das conquistas norte-americanas, pelas armas e pelos dollares. Os acontecimentos de Cuba tornam oportunissima esta obra. br. 6\$000

**MACHIAVEL E O BRASIL**, (2.<sup>a</sup> edição), por Octavio de Faria. E' a grande revelação do pensamento moderno brasileiro. Octavio de Faria, com uma extraordinaria cultura, analisa a situação do Brasil e propõe a solução da energia, pela organização de um nacionalismo politico dinamico. br. 6\$000

**ELOGIOS ACADEMICOS e ORAÇÕES DE PARANINHO.** — Ruy Barbosa. O grande classico da lingua tem nesta obra uma das colunas mestras da sua riquissima produção. Este volume é o unico revisto pelo mestre. Um grosso volume, publicado pela Revista da Lingua Portuguesa, brochado, 15\$000, enc. 20\$000



Em todas as livrarias e na **LIVRARIA CIVILIZAÇÃO**  
**RUA SETE DE SETEMBRO, 162** — **Rio de Janeiro**